

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

**TRAJETÓRIAS PARALELAS: QUALIDADE DA
VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTO EM ADOLESCENTES
DE UMA ESCOLA TÉCNICA E PROFISSIONAL**

VERA FILIPA DA SILVA ABREU

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Coimbra, 2012

**TRAJETÓRIAS PARALELAS: QUALIDADE DA
VINCULAÇÃO E COMPORTAMENTO EM ADOLESCENTES
DE UMA ESCOLA TÉCNICA E PROFISSIONAL**

VERA FILIPA DA SILVA ABREU

Dissertação Apresentada ao ISMT para a Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica

Orientadora: Professora Doutora Sónia Simões

Coimbra, outubro de 2012

Agradecimentos

A realização deste trabalho de investigação deve-se, fundamentalmente, ao contributo de inúmeros apoios, individuais e institucionais, aos quais me parece apropriado expressar o meu verdadeiro reconhecimento e gratidão. Nesse sentido, deixo aqui uma alusão aos que, de uma forma muito particular, me acompanharam e ajudaram a prosseguir e a concluir esta tese:

À Senhora Professora Doutora Sónia Simões, pelos preciosos ensinamentos, pelo rigor científico, pelas sugestões e críticas que melhoraram significativamente o teor deste estudo, assim como pela permanente disponibilidade e apoio manifestados ao longo de todo o período curricular do curso, que se revelou de valor incalculável para a concretização deste desafio;

À Direção da Escola Técnica e Profissional na recolha de participantes para presente o estudo;

Agradeço a todos os estudantes que generosamente se disponibilizaram para participar nos estudos, partilhando muito do que de mais íntimo e pessoal tinham. Sem a sua colaboração este trabalho não seria possível nem teria significado;

Ao meu amigo Bruno Cordeiro e à Professora Doutora Margarida Pocinho agradeço a disponibilidade e o seu contributo nesta minha etapa;

Aos meus pais, os meus agradecimentos mais sinceros, por tudo que fizeram por mim, por todo o afeto e encorajamento que sempre me deram e por todos os valores que me incutiram;

Ao meu irmão por ter sido sempre um apoio muito especial ao longo da minha vida, à minha cunhada Ana Cristina e aos meus “grandes” sobrinhos Rafael e Rodrigo pelo enorme carinho;

Um muito obrigado à minha tia Maria e à memória do meu tio Joaquim, que em muito contribuíram para que continuasse a estudar, e que me fizeram sentir uma verdadeira estudante de Coimbra;

Ao Bruno Silva e à sua família, por todo o apoio e incentivo que me deram ao longo da minha jornada académica;

À Patrícia Amado e à sua família, por todo o carinho, amizade e cooperação;

Aos meus queridos amigos, David Fernandes, João Palmeirão, Henrique Caetano; Pedro Rocha, Sílvia Matos e Jaime Almeida, pela compreensão nesta fase em que me ausentei para realizar a minha dissertação.

A todos o meu MUITO OBRIGADO e BEM HAJAM!

"As pessoas crescidas têm sempre
necessidade de explicações...

Nunca compreendem nada sozinhas e é
fatigante para as crianças estarem sempre
a dar explicações."

Saint-Exupéry, A., 1943

Índice

Introdução	1
Comportamento na adolescência	1
Qualidade da vinculação na adolescência	4
Relação entre a qualidade da vinculação e problemas do comportamento	8
Objetivos	9
Metodologia	10
Procedimento	11
Instrumentos	11
Amostra	14
Resultados	17
Discussão dos Resultados e Conclusões	24
Bibliografia	28
Anexos	

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Descrição da Amostra</i>	15
Tabela 2 <i>Percurso Escolar dos Alunos</i>	15
Tabela 3 <i>Caracterização do Contexto Familiar</i>	16
Tabela 4 <i>Idade, Nível de Escolaridade e Situação Profissional do Pai e da Mãe</i>	16
Tabela 5 <i>Correlações entre as Dimensões do YSR, Síndromes (Internalizante e Externalizante) e Pontuação Total de Psicopatologia</i>	17
Tabela 6 <i>Diferenças nas Dimensões YSR em Função do Género e a Idade</i>	18
Tabela 7 <i>Diferenças nas Dimensões do YSR em Função dos Processo(s) Disciplinar(es) e do Número de Reprovações</i>	19
Tabela 8 <i>Correlação entre Dimensões do IPPA e Vinculação Total (mãe, pai e amigos)</i>	19
Tabela 9 <i>Diferenças entre as Dimensões do IPPA em Função do Género e Idade</i>	21
Tabela 10 <i>Diferenças entre as Dimensões do IPPA em Função das Reprovações e Existência de Processo(s) Disciplinar(es)</i>	21
Tabela 11 <i>Correlações entre as Dimensões do IPPA e YSR</i>	22

Resumo

A qualidade da vinculação aos pais e pares tem sido descrita como uma variável reguladora no desenvolvimento de problemas do comportamento.

O objetivo principal deste estudo foi explorar a existência de associações entre a qualidade de vinculação (ao pai, à mãe e aos amigos) e os problemas de comportamento (internalizantes e externalizantes) em adolescentes.

O comportamento foi avaliado pelo *Youth Self Report* (YSR) e a qualidade das relações de vinculação pelo *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA). A amostra em estudo foi composta por alunos que frequentavam os cursos técnicos e profissionais numa escola da cidade de Coimbra, com idades entre os 14 e os 18 anos ($M = 16,1$).

As análises de correlação entre o IPPA e o YSR revelaram maiores associações entre a Alienação Pai e Mãe com as diferentes perturbações do comportamento. Destaca-se a importância desta dimensão na associação com as diferentes perturbações avaliadas pelo YSR.

Os nossos resultados fortaleceram a ideia de que os problemas de comportamento internalizante e externalizante evidenciados pelos adolescentes tendem a estar estreitamente relacionados com a qualidade das representações internas que estes organizaram das suas vivências com os principais cuidadores.

Palavras-chave: Comportamento; Vinculação; Síndrome Externalizante e Internalizante.

Abstract

The quality of parents and peer attachment have been described as a regulatory variable in the development of behavioral problems.

The main purpose of this study was to explore the existence of correlations between the attachment quality (to father, mother and friends) and the behavioral problems (internalizing and externalizing) in adolescents.

The behavior was evaluated by Youth Self Report (YRS) and the attachment quality by Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA). The sample was composed of students from 14 to 18 years old ($M = 16,1$) attending technician and professional courses in a school of Coimbra. The correlation analysis between IPPA and YRS revealed higher associations between the Father and Mother Alienation with the several behavioral disturbances. This dimension is relevant in the association with the different disturbances accessed by YSR.

Our results strengthened the idea that the internalizing and externalizing behavioral problems exhibited by the adolescents tend to be strictly related with the quality of internal working models that they developed through life experiences with the primary caregivers.

Key word: Behavior; Attachment; Externalizing and Internalizing Syndrome.

Introdução

Comportamento na adolescência

A adolescência caracteriza-se como um processo de transformação, com mudanças ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se o adolescente com a definição da própria identidade e autonomia. Numerosos fatores são suscetíveis de influenciar os comportamentos juvenis, nomeadamente: fatores de natureza individual (autoconceito, depressão e stress) e fatores socioculturais relacionados com a família, a escola, o grupo de pares. Na adolescência, o indivíduo começa a transferir o comportamento de vinculação que aprendeu na infância às novas situações sociais e aos grupos de pares (Sampaio, 1993).

Para os jovens, a convivialidade com os amigos é de extrema importância e os comportamentos individuais são influenciados pelas normas grupais. É no grupo que a criança conquista desde cedo habilidades sociais e, através do desenvolvimento da comunicação, ganha maior controle dos impulsos agressivos e interioriza valores morais. Os pares tendem, entre si, a criticar ideias, a descobrir e a elaborar as suas próprias opiniões, pelo que não surpreende que a amizade seja crucial para o desenvolvimento de habilidades sociais, como a cooperação, a imitação, a competência de responder e atender adequadamente às necessidades dos outros e a resolução de conflitos (Bukowski, 2001). Neste sentido, todas as interações são processos proximais, relevantes para o autoconhecimento e para a saúde mental individual e servem de modelo e/ou base segura para todas as trocas e relações sociais ao longo do ciclo vital. A socialização na adolescência ocorre em grande parte distante da supervisão dos adultos, proporcionando o desenvolvimento de normas e valores que podem conduzir à emergência de comportamentos desviantes (Laible, Carlo e Raffaelli, 2000).

No âmbito do estudo do(s) comportamento(s) é possível estabelecer duas categorias de problemas de comportamento: internalizante ou antissocial e externalizante ou emocional. A primeira categoria diz respeito aos comportamentos como a agressão, oposição, hiperatividade e delinquência, e a segunda categoria inclui a depressão, as queixas somáticas e o isolamento social (Simões, Fonseca, Formosinho, Rebelo, Ferreira e Gregório, 2000). Os problemas internalizantes têm sido definidos como sendo aqueles que envolvem, sobretudo, discórdia e mal-estar interno do *self*, ao passo que os problemas externalizantes implicam conflitos com outras pessoas e com o ambiente (Achenbach, Verhulst, Edelbrock, Baron e Akkerhuis, 1987). Estes problemas de comportamento permanecem ao longo da adolescência e na vida adulta de forma relativamente estável, e estão associados a inúmeros problemas de

adaptação do indivíduo no relacionamento com os outros, refletindo-se igualmente na sua vida escolar e podendo comprometer o seu futuro (Monteiro e Fonseca, 1998; Reitz, Deković, Meijer e Engels, 2006; Taborda Simões, Fonseca e Lopes, 2011). Os problemas mais recorrentes associados aos comportamentos externalizantes são os comportamentos antissociais, o distúrbio hipercinético, os problemas de atenção, as dificuldades de aprendizagem e, em menor escala, os distúrbios emocionais/internalizantes. Porém, é possível encontrar nas crianças e adolescentes apenas problemas emocionais, como a ansiedade, o isolamento, os problemas de humor, tristeza acentuada e prolongada, depressão e diversos outros sintomas (Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira e Cardoso, 1995; Monteiro e Fonseca, 1998).

Reitz e colaboradores (2006) utilizaram os mesmos instrumentos do nosso estudo, num estudo longitudinal, e confirmaram que o grupo de amigos pode ter mais influência nos problemas de comportamento do adolescente, do que um melhor amigo, e que ter amigos desviantes amplia exponencialmente os problemas externalizantes do comportamento. Contudo, a relação de amizade estabelecida com os pares influencia positivamente a aprendizagem das crianças e dos adolescentes, porventura por aduzir uma função protetora e fomentar sentimentos e experiências capazes de reduzir a ansiedade e a solidão. Nesta perspectiva, a amizade é um fator de proteção capaz de promover a resiliência, em situações de risco pessoal e social, que o adolescente possa enfrentar. A relação com um amigo permite à criança aprender e a reconhecer o valor do outro, através do reconhecimento do seu próprio valor. Acrescente-se que a função protetora da amizade está relacionada com a teoria da vinculação de Bowlby (1969).

Bukowsky e Sippola (1995) explicam que um adolescente que tem amigos é menos vulnerável a ser vítima de bullying, porém, paradoxalmente Hodges, Malone e Perry (1997) alegam que os efeitos protetivos da amizade são mais fortes e consistentes, quando uma criança em situação de risco possui um amigo agressivo. Não obstante, é consensual entre os investigadores que a amizade é promotora da resiliência nos jovens em desenvolvimento. Assim, a proteção inerente à amizade configura-se como uma relação de intimidade e proximidade única. Os jovens verbalizam esta segurança experimentada na amizade, salientando que os amigos são aqueles que estão sempre disponíveis quando deles precisam (Bukowsky e Sippola, 1995).

Complementarmente, na literatura, surgem associações significativas entre problemas de comportamento e a vivência no espaço escolar, desvelando-se em diferentes pesquisas que

os alunos mais problemáticos são mais propensos a abandonar os estudos, faltam mais às aulas, manifestam mais comportamentos e atitudes antissociais, delinquência e, nalguns casos, podem estar temporariamente circunscritos a instituições especiais (Fonseca et al., 1995; Taborda Simões, Fonseca, Formosinho, Rebelo e Ferreira, 2000a; Taborda Simões et al., 2011). Também tem sido referido que os alunos, relativamente aos quais os professores possuíam expectativas inferiores de sucesso académico, apresentam maior número de problemas disciplinares, constatando-se que estes alunos sofrem mais penas disciplinares, o que os leva a estar menos ligados à escola e aos professores (Taborda Simões, Formosinho e Fonseca, 2000b). A conclusão mais pungente é que as sanções afastam ainda mais os alunos da escola, incitando o absentismo e sujeitando-os a uma atitude negativa suscetível de levar a um desvio sistemático.

Taborda Simões e colaboradores (2011), a propósito do abandono escolar precoce, atestaram que os jovens que abandonam a escola com poucas habilitações ocupam cargos menos bem remunerados, caracterizam-se por maiores dificuldades interpessoais, propendem a envolver-se em comportamentos desviantes, ostentam um nível de bem-estar ou de realização pessoal mais baixo e revelam índices mais elevados de psicopatologia.

No que respeita à relação entre os problemas de comportamento com variáveis individuais, os estudos mostram que os rapazes ostentam valores mais elevados nos problemas de externalização, tendo mais comportamentos antissociais, enquanto os problemas do comportamento internalizante são mais frequentes nas raparigas. Acrescente-se também, que os rapazes mais velhos, comparativamente aos mais novos, apresentam mais comportamentos antissociais (Fonseca et al., 1995; Simões et al., 2000).

No âmbito de diversos estudos, a idade é uma variável que aparece relacionada com os diferentes problemas de comportamento, sendo frequente em ambos os sexos, e mais visível quando os indivíduos são mais jovens (14-15 anos), comparativamente com os mais velhos (17-18 anos). Por seu lado, constata-se que as raparigas mais velhas referem mais problemas emocionais do que as mais novas (Machado, Fonseca e Queiroz, 2008; Monteiro e Fonseca, 1998; Simões et al., 2000).

Quanto aos fatores de origem familiar mais destacados que contribuem para a inadaptação social, são a estrutura monoparental (conflitos e insatisfações conjugais estão associados a problemas de comportamento externalizantes e internalizantes na criança) e o nível socioeconómico (a pobreza surge frequentemente associada a desemprego, pais solteiros, stresse parental, baixo nível educacional e criminalidade) (Aber e Allen, 1987).

Seguindo de perto a literatura, constata-se que os alunos pertencentes a famílias de baixo nível socioeconómico apresentam resultados globais de psicopatologia superiores aos das classes socioeconómicas mais elevadas (Fonseca, Simões, Rebelo, Ferreira, e Cardoso, 1994; Fonseca et al., 1995; Simões et al., 2000).

Na adolescência, embora o distanciamento dos pais possa ser visto como um aspeto inevitável para o desenvolvimento do adolescente, o mesmo pode ter conotações positivas e negativas (Ryan e Lynch, 1989). O distanciamento pode, por um lado, representar um passo necessário mas não suficiente para a independência e autonomia (que define o acesso ao estágio do pensamento formal), todavia pode emblemizar perda ou separação de uma importante fonte de orientação. Na verdade, algumas formas de distanciamento da família por parte do adolescente estão associados à falta de aceitação e apoio dos pais, que não só não conduzem à independência e autonomia, como também interferem na consolidação da identidade e na formação de um autoconceito positivo (Al-Yagon, 2011; Cassidy, 1990; Machado e Fonseca, 2011). Assim, a conquista da autonomia e a manutenção de uma vinculação segura aos pais, durante a adolescência, são processos fundamentais. Para além disso, o suporte emocional e o envolvimento parental são dimensões do comportamento que favorecem o desenvolvimento da autonomia sem problemas expressivos (Machado e Oliveira, 2007; Machado e Fonseca, 2011), especialmente durante as transições de vida, como por exemplo, a entrada para a escola.

Qualidade da vinculação na adolescência

A vinculação é, segundo Bowlby (1969), um processo vital na ontogenia humana, não só porque aumenta a probabilidade de sobrevivência na infância, mas também porque otimiza o desenvolvimento adaptável da personalidade ao longo da vida. A teoria da vinculação trouxe novas perspetivas sobre a psicopatologia e o desenvolvimento infantil, contribuindo para uma mudança significativa, face à primeira infância e à humanização de instituições (ex. orfanatos e prisões). O conceito de vinculação, integra uma necessidade básica e inata de ligação do bebé à mãe, expressando-se por um conjunto de comportamentos observáveis. Estes comportamentos destinam-se a favorecer a proximidade e informar a mãe do desejo de interação do bebé, através do sorrir, agarrar, gatinhar e/ou chorar, sendo estes também característicos da espécie (Weinfield, Sroufe, Egeland e Carlson, 1999).

Bowlby (1969) sugere que a criança organiza as suas relações com os diferentes cuidadores, desenvolvendo uma hierarquia de figuras de vinculação, composta pela figura de

vinculação primária (definida como o cuidador preferido pela criança) e pelas figuras de vinculação secundárias. Os estudos têm considerado a mãe como a figura principal de vinculação primária (Ainsworth, 1979; Ainsworth e Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/1982; Armsden e Greenberg, 1987; Baharudin e Zulkefly, 2009). Na verdade, a maioria das investigações sobre as relações de vinculação concentram-se no estudo da relação mãe-criança e o subsequente impacto no desenvolvimento dos filhos (Cassidy e Shaver, 1999), existindo um menor corpo de pesquisa dedicado aos precedentes e consequências da vinculação pai-criança. Todavia, nos últimos anos houve uma tentativa para contrariar esta última tendência, assistindo-se a um incremento da investigação, corporizando a relação com o pai, bem como a sua importância no desenvolvimento psicossocial do(s) seu(s) filho(s) (Paquette, 2004; Verschueren e Marcoen, 2005; Tamis-LeMonda, 2004).

A qualidade da vinculação pode ser classificada em segura e insegura (Bowlby, 1973). Verifica-se uma relação de vinculação segura, quando a criança confia na figura de vinculação como sendo uma fonte disponível de segurança e conforto em situações de carência. Pelo contrário, as crianças com uma vinculação insegura têm dúvidas em relação à receptividade dos cuidadores, receando que estes não respondam ou reajam de uma forma inoperante às suas necessidades. Podem também demonstrar raiva em relação aos cuidadores pela sua falta de responsividade.

O conceito de base segura remete para a ideia de que se confia que a figura protetora estará acessível e disponível, seja qual for a idade do indivíduo. Depreende-se, desta forma, que a proximidade física necessária da figura cuidadora no início da vida está associada à sua acessibilidade. Assim, é possível afirmar que uma criança que construiu uma base segura nos primeiros anos de vida, pode explorar o mundo (ativa o sistema exploratório) que a rodeia, sabendo que tem a figura de vinculação disponível (sistema de vigilância) se dela necessitar, nomeadamente em situação de perigo (Ainsworth e Bowlby, 1991; Bowlby, 1969/73; Main e Solomon, 1986). Porém, quando o acesso à figura de vinculação é ameaçado, são ativadas reações emocionais, como por exemplo: a angústia, a cólera e a tristeza. Estas manifestações têm uma função motivacional e de comunicação para a criança, na expectativa de restabelecer a proximidade e segurança. Nesta linha de pensamento, o conceito de modelo dinâmico interno corresponde aos modelos mentais que a criança, durante os primeiros anos, constrói acerca de si (como sendo merecedora de amor) e das suas relações interpessoais (vendo os outros como estando atentos e disponíveis às suas necessidades). O que significa que a experiência repetida ao nível da não responsividade dos cuidadores, leva a que a criança seja

incapaz de dirigir comportamentos de vinculação adequados às situações. Por outro lado, estas crianças não se sentem capazes de explorar o ambiente e, por isso, têm menos confiança em si próprias e no ambiente que as rodeia (Aber e Allen, 1987; Ainsworth, 1979; Weinfield et al., 1999).

A construção de um procedimento laboratorial de avaliação da vinculação (Situação Estranha) permitiu a Ainsworth (1979) identificar três padrões de vinculação: padrão A: seguro evitante; padrão B: seguro e padrão C: inseguro ansioso. No padrão A, os bebés tendem a evitar ou ignorar a mãe após o seu regresso; no padrão B, as crianças reaproximam-se da mãe após a separação e são facilmente confortadas pela sua presença; e, por fim, no padrão C, embora fiquem aflitos com a ausência da mãe e procurem a sua proximidade quando esta regressa, não são confortados com ela, e alternam entre comportamentos de cólera, irritação e agitação/ansiedade. Posteriormente à caracterização dos padrões A, B e C, foram identificadas manifestações atípicas que não se inseriam nestes grupos. Os comportamentos mais notórios destas crianças combinavam manifestações bizarras de evitamento, resistência com confusão, depressão e/ou apreensão (Main e Solomon, 1986). Este padrão é designado de vinculação desorganizada/desorientada (padrão D). Peculiarmente, este padrão de vinculação, é apontado como sendo significativo no desenvolvimento de problemas de comportamento (Granot e Mayseless, 2001; Soares, 2000), devido à combinação de diferentes condutas (apreensão, abandono, depressão) e alternância entre aproximação e evitamento da figura cuidadora (Ainsworth, 1979; Ainsworth e Bowlby, 1991; Main e Solomon, 1986).

Os estudos têm referido que a vinculação segura protege a criança de perturbações psicológicas (Aber e Allen, 1987; Armsden e Greenberg, 1987; Cassidy, 1990). Talvez porque estas crianças são capazes de regular as suas emoções, veem o mundo como seguro e beneficiaram de experiências bem-sucedidas na resolução de problemas. Por sua vez, crianças inseguras tornam-se vulneráveis ao desenvolvimento de perturbações psicopatológicas, tão diversas como a depressão ou perturbações do comportamento. Deste modo, as suas expectativas tendem a induzir modos de interação distintos: construção de uma imagem positiva/negativa acerca de si mesmas, do outro ou do mundo (Bowlby, 1969; Cassidy, 1990; Machado et al., 2008; Main e Solomon, 1986). Assim, os pais e os familiares próximos (irmãos mais velhos, avós, tios e educadores/professores) têm um papel preponderante, pois fornecem à criança as bases narcísicas para a constituição de uma autoimagem positiva do outro e do mundo, garantindo interações satisfatórias, e acautelando a ocorrência de trocas

conflituais suscetíveis de gerar sentimentos negativos (Baharudin e Zulkefly, 2009; Cassidy, 1990; Ryan e Lynch, 1989). Compreende-se então o risco que pode existir na ausência de figuras de vinculação, que possam compensar relações de vinculação menos satisfatórias.

Ao longo da adolescência, a qualidade da relação adolescentes-pais modifica-se, devido ao desenvolvimento cognitivo e ao alargamento relacional, característico desta fase. Os pares significativos podem também agora servir funções de vinculação, remetendo os pais para um segundo plano (Reitz et al., 2006). Portanto, verifica-se que as transformações normativas desenvolvimentais na adolescência ativam o *sistema de vinculação* e, analogamente, existe uma oscilação entre este e a ativação do *sistema exploratório* (Bukowski, 2001; Laible et al., 2000; Machado et al., 2008). Diversos estudos têm constatado que os adolescentes mais bem adaptados são aqueles que recorrem aos pais em momentos críticos, corroborando deste modo a importância da vinculação aos pais na adolescência e o recurso a estes como fonte segura e de proteção (disponíveis) (Machado et al., 2008; Machado e Oliveira, 2007; Neves, Soares e Silva, 1999). Este *modelo interno* do adolescente facilita a construção da autonomia psicológica (Machado et al., 2008).

De facto, as investigações epidemiológicas têm evidenciado que as relações com os pais e pares são particularmente importantes no desenvolvimento adaptado do adolescente (Aber e Allen, 1987). Neste sentido, os adolescentes com um melhor ajustamento global, sendo menos deprimidos e agressivos, são aqueles que têm uma vinculação segura aos pais e aos pares. De forma inversa, os adolescentes com uma vinculação insegura aos pais e pares apresentam uma pior adaptação social, relatando maiores níveis de agressão e depressão (Armsden e Greenberg, 1987; Laible et al., 2000; Machado e Fonseca, 2009).

As pesquisas acerca das diferenças de sexo nos padrões de vinculação dos adolescentes aos pais têm revelado conclusões inconsistentes. Por um lado, há estudos que referem que as relações não variam em função do sexo da criança (Bowlby, 1973, 1969), mas o que é mais frequentemente descrito na literatura é que as raparigas, em oposição aos rapazes, detêm índices superiores de vinculação segura aos pais (Al-Yagon, 2011; Armsden e Greenberg, 1987; Granot e Mayseless, 2001), e especialmente à mãe (Ainsworth, 1979; Ainsworth e Bowlby, 1991; Armsden e Greenberg, 1987; Baharudin e Zulkefly, 2009; Bowlby, 1969). Também os alunos que fruem de uma vinculação segura com a mãe, possuem maior sucesso académico, e em especial as raparigas (Baharudin e Zulkefly, 2009). Uniformemente, as amostras de adolescentes avaliados em diferentes estudos apresentam uma vinculação segura a ambos os pais (Granot e Mayseless, 2001; Neves et al., 1999).

Em síntese, as investigações longitudinais têm evidenciado, em geral, resultados desenvolvimentais mais favoráveis associados a uma vinculação segura, ao nível da competência pessoal (autoestima, autoconfiança, resiliência, competências cognitivas e sociais), da competência com os pares (reciprocidade, empatia, resolução de conflitos) e com os adultos (obediência às normas, autonomia), bem como ao nível das percepções e expectativas destes face à criança/adolescente. Em contrapartida, a vinculação insegura prediz um funcionamento mais problemático em diversos níveis, por exemplo, com os pares (conflitos, dependência, hostilidade, punição ou vitimização), em termos de alteração de humor, sintomatologia ansiosa, depressão e agressão durante a infância e adolescência (Soares, 2000).

Relação entre a qualidade da vinculação e problemas do comportamento

A qualidade da vinculação aos pais e pares tem sido descrita como uma variável reguladora no desenvolvimento de problemas do comportamento. Neste sentido, os padrões de vinculação inseguros têm sido correlacionados com problemas de desenvolvimento ao longo da adolescência, designadamente os comportamentos internalizantes e externalizantes (Machado et al., 2008).

Machado e Fonseca (2009) ao estudarem o desenvolvimento adaptativo dos jovens na relação com os pais, utilizaram os mesmos instrumentos do nosso estudo (*Inventory of Parent and Peer Attachment* e *Youth Self Report*) e descreveram que os indivíduos que percecionavam índices mais elevados de comunicação e menores índices de sentimento de isolamento face aos pais, são os que referem maior satisfação com a vida, e têm uma percepção mais positiva da sua conduta. Note-se, ainda, que os indivíduos com maiores índices de alienação e índices baixos na comunicação são, também, os que reportam mais problemas de comportamento (isolamento, depressão, ansiedade). Estes dados são consistentes com outras análises (Machado e Fonseca, 2011; Machado e Oliveira, 2007). O efeito negativo da percepção de alienação no desenvolvimento de problemas do comportamento ou sentimentos generalizados de ansiedade vão ao encontro do postulado por Bowlby (1973), acerca do efeito da vinculação insegura no desenvolvimento da ansiedade.

A investigação de Laible e seus colaboradores (2000) destacou que os indivíduos que apresentam relações seguras com os pares e relacionamentos menos seguros com os pais, relatam uma melhor adaptação (em termos de depressão, simpatia e agressividade), do que aqueles que têm um relacionamento seguro com um dos pais, mas uma relação menos segura com os pares. Os resultados deste estudo reforçam a importância da existência de múltiplas

figuras de vinculação, bem como o impacto positivo que a qualidade das relações dos adolescentes com os amigos pode ter no seu desenvolvimento e na sua adaptação.

Outros autores têm referido que os adolescentes que têm relações de vinculação seguras com os seus pares, têm também uma vinculação segura ao pai e à mãe. No mesmo sentido, os alunos com uma boa qualidade relacional com um dos pais são mais propensos a ter um bom relacionamento com o outro progenitor. Refira-se, ainda, que os estudantes que beneficiam de boas relações com os pais e pares têm uma autoestima mais elevada e um maior sucesso académico (Baharudin e Zulkefly, 2009).

A análise dos estudos realizados sobre o sucesso/desempenho académico apresenta-se complexa e divergente, observando-se duas tendências, a ênfase dos efeitos positivos versus dos efeitos negativos das retenções escolares. Os estudos que salientam os efeitos positivos sugerem a possibilidade de, no ano seguinte, o aluno ter um melhor desempenho escolar mas, também, uma melhor vinculação à escola e uma diminuição dos problemas de comportamento. Contudo, em maior número, as investigações concluem o inverso (Fonseca, Taborda Simões e Formosinho, 2000). Surgem, deste modo, associados ao insucesso escolar efeitos como: níveis inferiores de rendimento académico, baixa autoestima com manifestações de ansiedade e depressão, falta de motivação face aos estudos com limitadas expectativas de sucesso académico ou profissional e inclinação para um maior absentismo e renúncia escolar. Quando se considera separadamente os rapazes e as raparigas repetentes, verifica-se que ambos os sexos apresentam índices elevados de problemas de comportamento, porém os rapazes repetentes ostentam índices ainda mais elevados (Taborda Simões et al., 2000b).

Objetivos

O principal objetivo do presente estudo passa por explorar a existência de associações entre a qualidade de vinculação (ao pai, à mãe e aos amigos) e os problemas de comportamento (internalizantes e externalizantes) em adolescentes, provenientes de uma escola técnica e profissional. A escolha do tema relaciona-se com o interesse pessoal da investigadora pelas duas temáticas, e pela constatação de que em Portugal não existem estudos neste âmbito com populações provenientes de escolas técnico e profissionais.

Assim, são definidos como objetivos deste estudo: 1) verificar se existe relação entre as dimensões do YSR (Antissocial, Problemas de Atenção/Hiperatividade, Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas e Problemas de Comportamento/Esquizoide), Síndromes Externalizantes e Internalizantes e a pontuação Total

de Psicopatologia; 2) estudar as diferenças ao nível da qualidade da vinculação dos adolescentes, nomeadamente ao pai, mãe e amigos, e ao nível dos problemas do comportamento Internalizantes e Externalizantes e a presença de Psicopatologia, em função de algumas variáveis sociodemográficas (idade e sexo) e escolares (número de retenções, número de mudanças de escola e existência de processos disciplinares); 3) analisar as associações entre as diferentes dimensões, pontuações parciais e totais do YSR e as dimensões e pontuação global do IPPA preenchido em relação à mãe, ao pai e aos amigos.

Metodologia

O estudo é descritivo e comparativo/correlacional na medida em que se baseia principalmente nas estatísticas descritivas das pontuações obtidas na escala do YSR e IPPA, e averigua a existência ou não de relação e de diferenças estatisticamente significativas em ambas as escalas dependendo das variáveis sociodemográficas. Dado que todas as avaliações foram realizadas num único momento, trata-se de um estudo transversal.

Para a realização deste trabalho, recorreremos a um programa informático de análise estatística, o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 19.0.

Conduzimos testes não paramétricos, em virtude da nossa amostra não apresentar uma distribuição normal, analisada através do teste de Kolmogorov-Smirnov. Os testes não paramétricos podem substituir os paramétricos, quando estes não podem ser aplicados, pois não impõem, à partida, que se verifique nem a normalidade da distribuição da variável em estudo, nem a homogeneidade de variâncias entre grupos (Maroco, 2003).

Efetuámos a análise descritiva dos resultados obtidos nas escalas aplicadas, através do cálculo das, médias, medianas e desvios-padrão.

Utilizámos o Teste *U* de Mann-Whitney, para avaliar possíveis diferenças entre as distribuições das variáveis centrais do estudo, dimensões do YSR e do IPPA, por sexo e por idade dicotomizada. Para a análise de associações entre as variáveis quantitativas e ordinais utilizámos testes de correlação de Spearman.

Para a classificação das correlações encontradas entre as dimensões das escalas, foram utilizados os seguintes valores: $0,20 < p < 0,39$ = correlação baixa, $0,40 < p < 0,69$ = moderada, $0,70 < p < 0,89$ = alta, $p > 0,90$ = muito alta (Pestana e Gageiro, 2008).

Procedimento

Foi obtida autorização para o estudo junto do Diretor do Conselho Pedagógico da escola de ensino técnico profissional de Coimbra, sendo em seguida enviado um pedido de consentimento informado para os pais de todos os alunos das 5 turmas do Nível 2, Tipo 1 e Tipo 2. No caso dos maiores de idade, os próprios alunos assinaram o consentimento informado.

O protocolo era composto por um conjunto de questões sociodemográficas, pelo *Youth Self Report* (YSR), e pelo *Inventário de Vinculação aos Pais/ Inventory of Parent Attachment* (IPPA). A administração do questionário demorou aproximadamente 45 minutos e decorreu de forma coletiva nas salas de aula durante o mês de maio de 2012. Neste seguimento, foi explicado aos alunos o objetivo do estudo, e garantiu-se o anonimato e a confidencialidade. Cumpriu-se, desta forma, um imperativo ético fundamental na investigação e avaliação psicológica (Simões, 1995). Foram ainda proferidas instruções sobre o preenchimento dos questionários e a investigadora mostrou-se disponível para qualquer esclarecimento adicional.

Instrumentos

O *questionário sociodemográfico* elaborado para o estudo é composto por três secções. A primeira secção engloba variáveis sociodemográficas, onde foi recolhida informação sobre o *sexo*, a *idade* e o *ano de escolaridade* dos alunos. Tendo em vista análises futuras, dicotomizámos a variável *idade* da seguinte forma: 1) 14-16 anos; e 2) 17-18 anos. O *contexto familiar* compõe a segunda secção, e informa-nos sobre quatro tópicos: *nível de escolaridade do pai e da mãe*; *situação profissional dos pais*; *composição do agregado familiar* e *número de irmãos*. A variável *escolaridade do pai e da mãe* foi categorizada da seguinte forma: 1) 1.º, 2.º e 3.º ciclo do ensino básico; 2) ensino secundário; e 3) ensino superior. Por fim, a terceira secção, permite-nos recolher informações acerca do percurso escolar do aluno: *número de reprovações* e *em que ano(s) de escolaridade*, *número de mudanças de escola* e *presença de processo(s) disciplinar(es)*.

O comportamento dos adolescentes foi avaliado pelo *Youth Self Report* (YSR), desenvolvido por Achenbach (1991a), versão portuguesa de Fonseca e Monteiro (1999). Este instrumento representa a versão de um questionário para pais (CBCL) e para professores (TRF), e orientado para indivíduos entre os 11 e os 18 anos. O YSR pretende descrever e avaliar as competências sociais e os problemas do comportamento do adolescente tal como

são percebidos por si, através de autorrelato. Aborda questões relevantes para o entendimento das perturbações de natureza emocional (ansiedade, depressão) que, por aceção, tem uma relevante componente subjetiva dificilmente alcançável através da observação direta dos adultos (Fonseca e Monteiro, 1999). Embora o YSR seja composto por duas partes, neste estudo utilizaram-se apenas os itens relativos aos problemas de comportamento da segunda parte. A primeira parte é composta por 7 questões a respeito de comportamentos sociais, formando a escala de competências, que permitem calcular três índices (Índice de Atividade, Índice Social e Índice Total de Competências). A segunda parte é composta por 119 itens, nos quais 103 avaliam diversos problemas de comportamento e 16 dizem respeito a comportamentos socialmente desejáveis (e.g. *sou muito honesto, gosto de ajudar os outros quando eles precisam ou luto pelos meus direitos*), formando as escalas de distúrbio total e Síndromes. As respostas do sujeito devem referir-se aos últimos seis meses, contados a partir da data do preenchimento, sendo cotadas com 0 (a afirmação não é verdadeira), 1 (a afirmação é algumas vezes verdadeira) ou 2 (a afirmação é muito verdadeira).

Quanto a resultados específicos, o inventário divide-se em 6 dimensões, nomeadamente: *Antissocial* (itens 16, 20, 21, 23, 37, 39, 43, 68, 82, 90, 97, 105, 101), *Problemas de Atenção/Hiperatividade* (itens 1, 3, 7, 8, 10, 41, 68, 74, 86, 87, 93, 94, 95, 104), *Ansiedade/Depressão* (itens 12, 13, 14, 33, 34, 35, 38, 48, 52, 62, 103), *Isolamento* (itens 17, 45, 63, 69, 71, 75, 89, 112), *Queixas Somáticas* (itens 51, 54, 56a, 56b, 56c, 56d, 56e, 56f, 56g) e *Problemas de Comportamento Esquizoide* (itens 9, 40, 66, 70, 84, 85, 100). Esta é a solução mais adequada para a população portuguesa, que só em parte tem correspondência com a versão americana (Fonseca e Monteiro, 1999).

O agrupamento das duas primeiras dimensões (I e II) forma as Síndromes de Externalização, e o agrupamento das dimensões III, IV e V, forma as Síndromes de Internalização. A pontuação Total de Psicopatologia calcula-se pela soma dos pontos obtidos em cada um dos itens relativos a problemas do comportamento, com exceção dos itens 2, 4, 56h e dos itens de comportamentos socialmente desejáveis (6, 15, 28, 49, 59, 60, 73, 78, 80, 88, 92, 98, 106, 107, 108 e 109) (Fonseca e Monteiro, 1999).

O YSR reúne qualidades psicométricas aceitáveis para a população portuguesa e constitui-se um instrumento proveitoso na investigação no domínio da psicopatologia infantil e juvenil. Para além da pontuação Total de Psicopatologia, faculta também informações úteis sobre diferentes tipos mais específicos de distúrbios, o que pode ampliar o seu campo de

aplicação (Machado e Fonseca, 2011; Machado e Oliveira, 2007; Fonseca e Monteiro, 1999; Monteiro e Fonseca, 1998; Fonseca et al., 1995).

No instrumento original, os valores da consistência interna do YSR variam entre 0,70 e 0,80 (Achenbach, 1991b). Para a população portuguesa, os alfas de Cronbach para as dimensões Antissocial e Problemas de Atenção/Hiperatividade são de 0,80, para a dimensão Ansiedade/Depressão de 0,79 e para o Isolamento, Queixas Somáticas e Problemas de Comportamento Esquizoide de 0,70 (Fonseca e Monteiro, 1999).

No nosso estudo, o alfa de Cronbach para a dimensão *Antissocial* é de 0,76, para os *Problemas de Atenção/Hiperatividade* de 0,65, para a *Ansiedade/Depressão* de 0,83, para o *Isolamento* e *Queixas Somáticas* de 0,74 e para os *Problemas de Comportamento Esquizoide* de 0,69. Explorámos também a consistência interna da *Síndrome de Externalização*, obtendo-se um alfa de 0,80, na *Síndrome Internalização* um alfa de 0,89 e na *Psicopatologia* um alfa de 0,91. A análise de consistência interna do YSR varia entre 0,65 e 0,91, que podem ser classificados entre correlações moderadas e muito altas (Pestana e Gageiro, 2008).

O Inventário da Vinculação na adolescência é uma versão Portuguesa adaptada do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA) de Armsden e Greenberg (1987), adaptada e validada por Neves, Soares e Machado (1993). Este instrumento é composto por 3 escalas com 25 itens cada, que distribuídos por 3 dimensões podem ser usadas independentemente. As escalas permitem avaliar separadamente a qualidade das relações de vinculação do indivíduo com o pai, mãe e amigos. É um instrumento de autorrelato desenvolvido para avaliar as dimensões comportamentais, cognitivas e emocionais da vinculação em adolescentes e jovens adultos. Designadamente a confiança, a compreensão, o respeito mútuo, a acessibilidade e a responsividade das figuras de vinculação e alguns estados emocionais (raiva, irritação e ressentimento dirigido às figuras de vinculação), bem como a desvinculação ou o isolamento na relação. O conteúdo dos itens assenta nas formulações teóricas da vinculação propostas por Bowlby, e avalia 3 grandes constructos: (1) grau de confiança mutual, (2) qualidade da comunicação e (3) grau de raiva e alienação relativamente aos pais e amigos. A subescala Confiança mede o grau de compreensão e respeito mútuos na relação de vinculação; a subescala Comunicação avalia a extensão e qualidade da comunicação falada; e a subescala Alienação mede sentimentos de raiva e alienação interpessoal (Armsden e Greenberg, 1987).

A cada escala mãe/pai correspondem as subescalas *Comunicação* (itens 5, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 25), *Confiança* (itens 1, 2, 3, 4, 9, 12, 13, 20, 21, 22), e *Alienação* (itens 8, 10, 11, 17, 18, 23). A escala pares é também composta pelas subescalas *Comunicação* (itens 1, 2, 3, 7, 16, 17, 24, 25), *Confiança* (itens 5, 6, 8, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 21), e *Alienação* (itens 4, 9, 10, 11, 18, 22, 23). Os sujeitos respondem mediante o quão frequente cada afirmação é verdadeira para eles, numa escala Likert de 1 a 5 pontos (1: Nunca ou quase nunca; 2: Poucas vezes; 3: Às vezes; 4: Muitas vezes; 5: Sempre), em que 1 corresponde ao extremo relativo de uma vinculação mais insegura e 5 ao extremo que classifica uma vinculação mais segura. O cálculo das dimensões resulta da soma das respectivas subescalas *Confiança* e *Comunicação* e da subtração da subescala *Alienação*. Os sujeitos podem ser classificados em dois grupos extremos: (1) *seguros* e (2) *inseguros*. Neste sentido, os autores referem que se deverá considerar *seguros* em termos de vinculação, quando se obtêm valores acima da mediana, enquanto os *inseguros* devem obter valores abaixo da mediana (Armsden e Greenberg, 1987).

Segundo Armsden e Greenberg (1987) o resultado obtido em cada escala é expressão da percepção que os adolescentes têm acerca da segurança emocional das relações de vinculação que estabelecem com os pais e pares.

Ao empregar o IPPA, Neves (1995) obteve um coeficiente alfa de Cronbach para a vinculação ao pai de 0,95, para a mãe 0,92 e 0,95 para a vinculação aos amigos. Estes valores são indicativos de uma boa consistência interna nas três escalas. No nosso estudo, obteve-se um coeficiente de alfa de Cronbach para a vinculação ao pai de 0,80, para a mãe 0,75 e 0,89 para a vinculação aos amigos. Explorámos ainda a consistência interna das *subescalas mãe* revelando para a *Confiança* um alfa de 0,75, para a *Comunicação* 0,74 e para a *Alienação* 0,57. A consistência interna das *subescalas Pai* mostrou para a *Confiança* um alfa de 0,60, para a *Comunicação* 0,85 e *Alienação* de 0,70. Por fim, a consistência interna das *subescalas Amigos* apresentou para a *Confiança* um alfa de 0,89, para a *Comunicação* 0,67 e para a *Alienação* 0,63. Tanto as dimensões, como as escalas totais do IPPA preenchido em relação ao pai, à mãe e aos amigos apresentam valores de alfa de Cronbach reveladores de uma boa consistência interna (Pestana e Gageiro, 2008).

Amostra

As características sociodemográficas da nossa amostra são apresentadas na Tabela 1. Para a constituição da amostra, foram tidos em consideração alguns critérios de inclusão, nomeadamente: ter idade inferior ou igual a 18 anos e residir em contexto familiar.

Tabela 1*Descrição da Amostra*

		<i>n=56</i>	%
Sexo	Masculino	30	53,6
	Feminino	26	46,4
	Total	56	100
Idade dicotomizada	14 – 16 anos	38	67,9
	17 – 18 anos	18	32,1
	M ± DP	M = 16,1; DP = 1,0	
Ano de escolaridade	Nível II - Tipo 2	35	62,5
	Nível II - Tipo 3	21	37,5

Notas: M = média; DP = desvio-padrão

A amostra é constituída por 56 sujeitos, com idades entre os 14 e os 18 anos (M = 16,1; DP = 1,0). Dos respondentes, 53,6% são do sexo masculino e 46,4% são do sexo feminino. A população em estudo é composta por alunos que frequentam os cursos técnicos e profissionais numa escola da cidade de Coimbra. Os estudantes encontram-se a frequentar o 2º Nível de formação técnica e profissional, do Tipo 2 e 3. Ambos dão, respetivamente, equivalência ao 9º ano de escolaridade. Estes cursos foram criados como via alternativa para os alunos com mais de 15 anos (ou salvo raras exceções, com 14 anos), que ainda não tenham concluído o 3º ciclo. Têm como principal objetivo a simultânea aquisição de habilitações literárias e de competências profissionais. Verifica-se que mais de metade da nossa amostra (62,5%) frequenta o Tipo 2. Para ingressar neste curso, o aluno terá de ter o 6º ano, porém não poderá ter concluído o 8º ano de escolaridade. Já no Tipo 3, tem obrigatoriamente de ter concluído o 8º ano de escolaridade.

De seguida, na Tabela 2, apresentamos a caracterização do percurso escolar dos alunos.

Tabela 2*Caracterização do Percurso Escolar dos Alunos*

		<i>n</i>	%					
Reprovações	1 ou 2 vezes	40	71,4					
	2 ou 3 vezes	16	28,6					
Ano em que reprovou				1ª vez	2ª vez	3ª vez	4ª vez	
	1º Ciclo	23	41,1	0	0,0	1	6,3	0
	2º Ciclo	12	21,4	6	13,6	3	18,8	0
	3º Ciclo	21	37,5	38	86,4	12	75,0	2
	Total	56	100	44	100	16	100	2
Nº de vezes que mudou de escola	Mudou 1 ou 2 vezes	35	62,5					
	Mudou 3 ou 4 vezes	21	37,5					
Existência de processo(s) disciplinar(es)	Não	22	39,3					
	Sim	34	60,7					

Verificámos que 71,4% dos jovens ficaram retidos entre uma a duas vezes. Todos os alunos ficaram retidos pelo menos uma vez, mais expressivamente no 1º ciclo do ensino básico (41,1%). Importa salientar que no 3º ciclo os alunos persistiram mais em concluir

aqueles anos com sucesso. No que diz respeito à mudança de escola, destaca-se que 37,5% da nossa amostra mudou de escola entre 3 a 4 vezes. Quanto à existência de processo(s) disciplinar(es), 60,7% já sofreu sanções disciplinares.

Na Tabela 3, apresentamos os dados relativos ao contexto familiar.

Tabela 3

Caracterização do Contexto Familiar

		<i>n</i>	%
Composição do agregado familiar	Família nuclear	30	53,57
	Outros tipos de família	26	46,43
Número de irmãos	0 a 1	28	50
	2 a 3	25	44,64
	4 a 6	3	5,36

Como mais relevante, importa referir que a maioria dos jovens vive com a família nuclear (53,57%), sendo que 46,43% vive noutros tipos de família (e.g. famílias monoparentais, reconstituídas e alargadas). No que concerne ao número de irmãos, é de destacar que 50% tem entre 1 a 2 irmãos e que somente 5,36% tem entre 4 a 6 irmãos.

Na Tabela 4, apresentam-se a idade, nível de escolaridade e situação profissional do pai e da mãe.

Tabela 4

Idade, Nível de Escolaridade e Situação Profissional do Pai e da Mãe

		Pai		Mãe	
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Idade	M + DP	M = 45,6; DP = 5,8		M = 43,6; DP = 6,6	
Nível de escolaridade	Básico	43	76,7	32	57,1
	Secundário	3	5,4	9	16,1
	Superior	2	3,7	0	0
	Ausência de resposta	8	14,2	15	26,8
Situação profissional	Não	11	19,6	9	16,1
	Sim	38	67,9	43	76,8
	Ausência de resposta	7	12,5	4	7,1

Notas: M – Média; DP – Desvio Padrão

Os pais apresentam uma média de idade de 45,6 anos (DP = 5,8) e as mães de 43,6 anos (DP = 6,6). Em relação ao nível de escolaridade, destaca-se que tanto os pais (76,7%) como as mães (57,1%) possuem maioritariamente o ensino básico, e que somente uma percentagem reduzida dos pais (3,7%) tem formação académica ao nível superior. Com respeito à situação profissional, a maioria dos pais encontra-se em situação de emprego (pais: 77,6%; e mães: 82,7%).

Resultados

Na Tabela 5 está representada a matriz de correlações entre as dimensões do YSR, Síndromes (Externalizantes e Internalizantes) e a pontuação Total de Psicopatologia.

Tabela 5

Correlação de Spearman entre as Dimensões, Síndromes e Pontuação Total do YSR

		1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.
1. Antissocial	ρ	---								
2. Problemas de Atenção/Hiperatividade	ρ	0,430**	---							
3. Ansiedade/Depressão	ρ	0,550**	0,611**	---						
4. Isolamento	ρ	0,250	0,561**	0,619**	---					
5. Queixas Somáticas	ρ	0,228	0,342**	0,365**	0,442**	---				
6. Problemas de Comportamento Esquizoide	ρ	0,270*	0,475**	0,549**	0,433**	0,208	---			
7. Síndrome de Externalização	ρ	0,797**	0,865**	0,685**	0,477**	0,322*	0,479**	---		
8. Síndrome de Internalização	ρ	0,408**	0,645**	0,880**	0,826**	0,541**	0,689**	0,627**	---	
9. Total de Psicopatologia	ρ	0,397**	0,783**	0,753**	0,816**	0,530**	0,692**	0,713**	0,913**	---

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Primeiramente iremos analisar as correlações estatisticamente significativas entre as dimensões da escala e, posteriormente, as correlações entre as Síndromes e o distúrbio Total de Psicopatologia. Destaca-se que o comportamento Antissocial estabelece correlações positivas e moderadas com a Ansiedade/Depressão e Problemas de Atenção/Hiperatividade ($\rho=0,550$; $\rho=0,430$; $p \leq 0,01$) e uma correlação positiva e fraca com os Problemas de Comportamento Esquizoide ($\rho=0,270$; $p \leq 0,05$). Os Problemas de Atenção/Hiperatividade estabelecem relações positivas e moderadas com a Ansiedade/Depressão, Isolamento e os Problemas de Comportamento Esquizoide ($\rho=0,611$; $\rho=0,561$; $\rho=0,475$; $p \leq 0,01$) e uma correlação fraca com as Queixas Somáticas ($\rho=0,342$; $p \leq 0,05$). A Ansiedade/Depressão evidencia relações positivas e moderadas com o Isolamento e os Problemas de Comportamento Esquizoide ($\rho=0,619$; $\rho=0,549$; $p \leq 0,01$). O Isolamento apresenta, por sua vez, relações positivas e moderadas com as Queixas Somáticas e os Problemas de Comportamento Esquizoide ($\rho=0,442$; $\rho=0,433$; $p \leq 0,01$).

No que concerne às associações entre as Síndromes de Externalização e Internalização e o distúrbio Total de Psicopatologia, constata-se que a Síndrome de Externalização apresenta uma relação forte e positiva com os Problemas de Atenção/Hiperatividade e o comportamento Antissocial ($\rho=0,865$; $\rho=0,797$; $p \leq 0,01$), moderada e positiva com a Ansiedade/Depressão, Problemas de Comportamento Esquizoide e o Isolamento ($\rho=0,685$; $\rho=0,479$; $\rho=0,477$; $p \leq 0,01$) e fraca, positiva com as Queixas Somáticas ($\rho=0,322$; $p \leq 0,05$). A Síndrome de Internalização estabelece uma relação forte e positiva com a Ansiedade/Depressão e o Isolamento ($\rho=0,880$; $\rho=0,826$; $p \leq 0,01$) e positiva e moderada com os Problemas de

Comportamento Esquizoide, Problemas de Atenção/Hiperatividade, Queixas Somáticas e Comportamento Antissocial ($p=0,689$; $p=0,645$; $p=0,541$; $p=0,408$; $p\leq 0,01$).

No que diz respeito ao Total de Psicopatologia, verificam-se relações fortes e positivas com o Isolamento, Problemas de Atenção/Hiperatividade e a Ansiedade/Depressão ($p=0,816$; $p=0,783$; $p=0,753$; $p\leq 0,01$), uma relação positiva e moderada com os Problemas de Comportamento Esquizoide e as Queixas Somáticas ($p=0,692$; $p=0,530$; $p\leq 0,01$) e positiva e fraca com o comportamento antissocial ($p=0,397$; $p\leq 0,05$). Importa ainda referir que a Síndrome de Externalização estabelece uma relação forte e positiva com a Psicopatologia ($p=0,713$; $p\leq 0,01$) e positiva, moderada com a Síndrome de Internalização ($p=0,627$; $p\leq 0,01$). Já a Síndrome de Internalização tem uma relação positiva muito forte com a Psicopatologia ($p=0,913$; $p\leq 0,01$).

Na Tabela 6 são apresentadas as diferenças nos problemas de comportamento dos alunos, avaliados pelos YSR, em função das variáveis sexo e idade.

Tabela 6

Diferenças nas Dimensões YSR em Função do Sexo e da Idade

	Sexo				p ¹	Idade				p ¹
	Masculino		Feminino			14 - 16 anos		17 - 18 anos		
	Md	A	Md	A		Md	A	Md	A	
Antissocial	4,5	13,0	2,5	10,0	0,044	3,0	14,0	3,0	11,0	0,972
Problemas de Atenção/Hiperatividade	7,5	15,0	9,0	15,0	0,432	8,0	11,0	10,0	17,0	0,345
Ansiedade/Depressão	4,0	13,0	2,5	16,0	0,716	2,0	13,0	5,0	16,0	0,273
Isolamento	6,0	13,0	6,5	14,0	0,150	5,0	15,0	8,0	15,0	0,054
Queixas Somáticas	0,0	7,0	2,0	10,0	0,001**	1,0	9,0	1,0	10,0	0,927
Problemas de Comportamento/ Esquizoide	2,0	9,0	2,0	11,0	0,494	2,0	9,0	2,5	11,0	0,159
Síndrome de Externalização	12,0	25,0	11,0	23,0	0,657	11,0	22,0	12,5	25,0	0,654
Síndrome de Internalização	12,5	26,0	13,0	42,0	0,217	11,5	43,0	17,5	38,0	0,073
Total de Psicopatologia	44,5	58,0	48,0	70,0	0,105	45,0	74,0	54,0	80,0	0,058

¹Teste *U* de Mann-Whitney; * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Notas: Md – Mediana; A – Amplitude

Em relação ao *sexo* do aluno, somente nas Queixas Somáticas existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre rapazes e raparigas, em que os rapazes (Md = 0; A = 7) têm pontuações significativamente inferiores às das raparigas (Md = 2; A = 10). Quanto à *idade* não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no YSR.

Na Tabela 7 são apresentadas as diferenças nos problemas de comportamento dos alunos, avaliados pelos YSR, dependendo da existência de processo(s) disciplinar(es) e do número de reprovações dos alunos.

Tabela 7

Diferenças nas Dimensões do YSR em Função dos Processo(s) Disciplinar(es) e do Número de Reprovações

	Processo(s) Disciplinar(es)				p ¹	Reprovações				p ¹
	Sim		Não			1 a 2 vezes		3 a 4 vezes		
	Md	A	Md	A		Md	A	Md	A	
Antissocial	2,00	10,00	4,00	14,00	0,081	3,00	14,00	4,50	14,00	0,278
Problemas de Atenção/Hiperatividade	8,50	9,00	8,50	17,00	0,879	8,50	15,00	8,50	15,00	0,743
Ansiedade/Depressão	2,50	13,00	4,00	16,00	0,866	3,00	13,00	3,50	16,00	0,927
Isolamento	7,00	15,00	6,00	15,00	0,273	6,00	15,00	7,50	15,00	0,763
Queixas Somáticas	1,00	10,00	1,00	9,00	0,916	1,00	9,00	,50	10,00	0,479
Problemas de Comportamento/ Esquizoide	2,50	11,00	1,50	9,00	0,178	2,00	9,00	2,00	11,00	0,861
Síndrome de Externalização	11,00	16,00	12,00	25,00	0,444	11,00	25,00	12,00	21,00	0,501
Síndrome de Internalização	13,00	42,00	12,50	36,00	0,644	12,50	43,00	14,00	38,00	0,971
Total de Psicopatologia	47,00	66,00	45,50	82,00	0,481	46,50	72,00	46,00	82,00	0,799

¹Teste U de Mann-Whitney; * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Notas: Md – Mediana; A – Amplitude

Relativamente à existência de *processo(s) disciplinar(es)* e *reprovação*, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) em nenhuma das dimensões do YSR, nos Síndromes de Internalização e Externalização e na Psicopatologia Total.

Na Tabela 8 está representada a matriz de correlações entre a pontuação Total do IPPA e as suas dimensões.

Tabela 8

Correlação de Spearman entre as Dimensões do IPPA e vinculação Total (Mãe, Pai e Amigos)

		1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.	11.	12.
1. Confiança Mãe	ρ	---											
2. Confiança Pai	ρ	0,429	---										
3. Confiança Amigos	ρ	0,579	0,396**	---									
4. Comunicação Mãe	ρ	0,777	0,449**	0,435**	---								
5. Comunicação Pai	ρ	0,288	0,873**	0,311*	0,404**	---							
6. Comunicação Amigos	ρ	0,607	0,398**	0,909**	0,486**	0,311*	---						
7. Alienação Mãe	ρ	-	-0,375**	-0,149	-0,393**	-0,335*	-0,226	---					
8. Alienação Pai	ρ	0,051	-0,016	0,041	0,031	-0,030	0,139	0,190	---				
9. Alienação Amigos	ρ	0,073	0,326*	0,359**	0,068	0,359*	0,291*	0,059	0,381**	---			
10. IPPA Total Mãe	ρ	0,930	0,486**	0,503**	0,903**	0,398**	0,554**	-0,632**	0,047	0,06	---		
11. IPPA Total Pai	ρ	0,343	0,936**	0,325*	0,398**	0,935**	0,305*	-0,430**	-0,246	0,24	0,428**	---	
12. IPPA Total Amigos	ρ	0,604	0,341*	0,932**	0,473**	0,26	0,969**	-0,225	0,066	0,15	0,545**	0,26	---

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Observa-se que a Confiança Mãe estabelece relações positivas e moderadas com a Confiança Amigos e Pai ($p=0,579$; $p=0,429$; $p\leq 0,01$) e a Confiança Pai apresenta uma relação fraca e positiva com a Confiança Amigos ($p=0,396$; $p\leq 0,05$). A Comunicação Mãe apresenta uma relação forte e positiva com a Confiança Mãe ($p=0,777$; $p\leq 0,01$) e moderadamente com a Confiança Pai e Amigos ($p=0,449$; $p=0,435$; $p\leq 0,01$). A Comunicação Pai revela uma relação positiva e forte com a Confiança Pai ($p=0,873$; $p\leq 0,01$), uma relação positiva moderada com a Comunicação Mãe ($p=0,404$; $p\leq 0,01$) e relações fracas positivas com a Confiança Amigos e

Mãe ($p=0,311$; $p=0,288$; $p\leq 0,05$). A Comunicação Amigos estabelece uma relação positiva muito forte com a Confiança Amigos ($p=0,909$; $p\leq 0,01$), moderada e positiva com a Confiança Mãe e Comunicação Mãe ($p=0,607$; $p=0,486$; $p\leq 0,01$) e fraca e positiva com a Confiança Pai e Comunicação Pai ($p=0,398$; $p=0,311$; $p\leq 0,05$). Na alienação verificam-se menores associações entre as dimensões, observando-se na Alienação Mãe uma relação positiva e moderada com a Confiança Mãe, e correlações positivas e fracas entre a Alienação Amigos e a Comunicação e Confiança Pai ($p=0,359$; $p=0,326$; $p\leq 0,05$). Na Alienação Pai não se verificam associações significativas. O IPPA Total Mãe estabelece uma relação positiva, muito forte com a Confiança e Comunicação Mãe ($p=0,930$; $p=0,903$; $p\leq 0,01$), uma relação moderada negativa com a Alienação Mãe ($p=-0,632$; $p\leq 0,01$) e uma relação positiva moderada com a Comunicação e Confiança Amigos e com a Confiança Pai ($p=0,554$; $p=0,503$; $p=0,486$; $p\leq 0,01$). O IPPA Total Pai evidencia uma relação muito forte e positiva com a Confiança e Comunicação Pai ($p=0,936$; $p=0,935$; $p\leq 0,01$), uma relação moderada e negativa com a Alienação Mãe ($p=-0,430$; $p\leq 0,01$) e uma relação fraca positiva com a Comunicação Mãe ($p=0,398$; $p\leq 0,01$) e Confiança Mãe e Amigos ($p=0,343$; $p=0,325$; $p\leq 0,05$). O IPPA Total Amigos apresenta uma relação muito forte e positiva com a Comunicação e Confiança Amigos ($p=0,969$; $p=0,932$; $p\leq 0,01$), uma relação moderada e positiva com a Confiança e Comunicação Mãe ($p=0,604$; $p=0,473$; $p\leq 0,01$) e uma relação fraca e positiva com a Confiança Pai ($p=0,341$; $p\leq 0,05$). No que diz respeito às associações do IPPA Total, só há relações positivas e moderadas, entre o IPPA Total Mãe e o IPPA Total Amigos e Pai ($p=0,545$; $p=0,428$; $p\leq 0,01$).

Em seguida, são apresentadas na Tabela 9 as diferenças no IPPA dependendo das variáveis sexo e idade dos alunos.

Tabela 9*Diferenças entre as Dimensões do IPPA em Função do Sexo e Idade*

	Gênero				p ¹	Idade				p ¹
	Masculino		Feminino			14 - 16 anos		17 - 18 anos		
	Md	A	Md	A		Md	A	Md	A	
Confiança Mãe	37,0	27,0	38,5	19,0	0,291	38,0	24,0	35,0	27,0	0,785
Confiança Pai	33,0	77,0	28,0	36,0	0,466	31,0	35,0	33,0	77,0	0,176
Confiança Amigos	33,0	40,0	37,0	32,0	0,180	34,5	35,0	39,0	39,0	0,165
Comunicação. Mãe	32,0	28,0	30,0	28,0	0,734	30,0	28,0	31,5	32,0	0,903
Comunicação Pai	29,0	33,0	21,0	35,0	0,030*	24,5	34,0	28,5	35,0	0,270
Comunicação Amigos	29,0	46,0	33,0	26,0	0,143	33,0	32,0	32,5	46,0	0,629
Alienação Mãe	13,0	17,0	14,0	15,0	0,420	13,0	16,0	16,5	13,0	0,008**
Alienação Pai	15,0	21,0	16,0	21,0	0,251	16,0	21,0	16,0	21,0	0,602
Alienação Amigos	17,0	24,0	15,0	18,0	0,368	15,0	19,0	17,5	23,0	0,214
IPPA Total Mãe	32,0	28,0	30,0	28,0	0,668	30,0	28,0	31,5	32,0	0,499
IPPA Total Pai	29,0	33,0	21,0	35,0	0,077	24,5	34,0	28,5	35,0	0,261
IPPA Total Amigos	29,0	46,0	33,0	26,0	0,095	33,0	32,0	32,5	46,0	0,522

¹Teste U de Mann-Whitney; * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Notas: Md – Mediana; A – Amplitude

Em relação ao *sexo* do aluno, somente na Comunicação com o Pai existem diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre os rapazes e raparigas, em que os rapazes (Md = 29; A = 33) têm pontuações significativamente superiores às das raparigas (Md = 21; A = 35). No que respeita à *idade*, apenas existem diferenças na Alienação Mãe ($p < 0,05$), em que os alunos com idades entre os 17-18 anos (Md = 13; A = 16) têm pontuações significativamente superiores aos dos alunos com idade entre os 14-16 anos (Md = 16,5; A = 13). Nas demais dimensões e na escala Total do IPPA não se observaram diferenças estatisticamente significativas quanto ao *sexo* e *idade*.

Em seguida, são apresentadas na Tabela 10 as diferenças nas dimensões e no total do IPPA, segundo o número de *reprovações* e a existência prévia de *processo(s) disciplinar(es)*.

Tabela 10*Diferenças entre as Dimensões do IPPA em Função das Reprovações e Existência de Processo(s) Disciplinar(es)*

	Reprovações				p ¹	Existência de processo(s) disciplinar(es)				p ¹
	1 ou 2 vezes		3 ou 4 vezes			Não		Sim		
	Md	A	Md	A		Md	A	Md	A	
Confiança. Mãe	38,0	25,0	34,5	26,0	0,491	34,0	26,0	39,0	25,0	0,033*
Confiança Pai	31,0	80,0	37,0	33,0	0,177	27,0	35,0	33,0	77,0	0,174
Confiança Amigos	35,0	33,0	38,0	40,0	0,296	35,5	34,0	35,0	40,0	0,507
Comunicação Mãe	30,0	25,0	30,0	32,0	0,756	28,0	32,0	33,0	24,0	0,055
Comunicação Pai	24,0	33,0	30,0	35,0	0,044*	25,0	35,0	28,0	33,0	0,181
Comunicação Amigos	32,5	29,0	33,0	46,0	0,555	32,5	37,0	33,0	36,0	0,632
Alienação Mãe	13,0	16,0	15,0	16,0	0,294	15,0	17,0	13,0	16,0	0,422
Alienação Pai	16,0	21,0	17,0	21,0	0,698	17,0	21,0	15,0	21,0	0,561
Alienação Amigos	15,0	11,0	19,5	24,0	0,000**	17,0	18,0	16,0	24,0	0,649
IPPA Total Mãe	30,0	25,0	30,0	32,0	0,601	28,0	32,0	33,0	24,0	0,034*
IPPA Total Pai	24,0	33,0	30,0	35,0	0,141	25,0	35,0	28,0	33,0	0,188
IPPA Total Amigos	32,5	29,0	33,0	46,0	0,906	32,5	37,0	33,0	36,0	0,524

¹Teste U de Mann-Whitney; * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Notas: Md – Mediana; A – Amplitude

Relativamente às *reprovações*, constata-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) na Comunicação Pai e na Alienação Amigos entre os dois grupos. Os alunos que já reprovaram 3 ou 4 vezes têm pontuações mais elevadas na Comunicação Pai ($Md = 30$; $A = 35$) comparativamente com os alunos que reprovaram 1 ou 2 vezes ($Md = 24$; $A = 33$) e na Alienação Amigos ($Md = 19,5$; $A = 24$) face aos alunos com 1 ou 2 reprovações ($Md = 15$; $A = 11$). Quanto à comparação dos alunos com e sem *processo(s) disciplinar(es)*, observa-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) na Confiança Mãe e no IPPA Total Mãe entre os dois grupos. Os que já sofreram *processo(s) disciplinar(es)* têm pontuações mais elevadas na Confiança Mãe ($Md = 39$; $A = 25$) e no IPPA Total Mãe ($Md = 33$; $A = 24$) em comparação com os que não tiveram processos disciplinares (Confiança Mãe: $Md = 34$; $A = 26$; IPPA total Mãe: $Md = 28$; $A = 32$). Nas demais dimensões e Total do IPPA não se observaram diferenças com significância estatística.

Na Tabela 11 está representada a matriz de correlações entre o IPPA e o YSR.

Tabela 11

Correlações de Spearman entre o IPPA e o YSR

IPPA	YSR	Dim1	Dim2	Dim3	Dim4	Dim5	Dim6	Sínd. Ext.	Sínd. Int.	Total Psico.
Confiança Mãe	ρ	-0,377**	-0,048	-0,278*	0,040	-0,100	-0,114	-0,233	-0,113	-0,071
Confiança Pai	ρ	-0,203	-0,061	-0,123	0,085	-0,167	-0,053	-0,207	-0,117	-0,060
Confiança Amigos	ρ	-0,211	0,071	0,049	0,199	0,115	0,170	-0,084	0,161	0,222
Comunicação Mãe	ρ	-0,353**	-0,062	-0,181	0,055	-0,128	-0,061	-0,243	-0,069	-0,048
Comunicação Pai	ρ	-0,078	0,016	0,013	0,075	-0,294*	0,076	-0,083	-0,037	-0,010
Comunicação Amigos	ρ	-0,291*	0,069	-0,039	0,148	0,149	0,119	-0,128	0,101	0,190
Alienação Mãe	ρ	0,341*	0,365**	0,340*	0,329*	0,317*	0,176	0,402**	0,360**	0,414**
Alienação Pai	ρ	0,083	0,309*	0,308*	0,328*	0,422**	0,262	0,262	0,429**	0,396**
Alienação Amigos	ρ	0,198	0,182	0,279*	0,251	-0,004	0,308*	0,222	0,270*	0,263
Total Mãe	ρ	-0,381**	-0,121	-0,246	0,007	-0,138	-0,098	-0,286*	-0,117	-0,106
Total Pai	ρ	-0,198	-0,132	-0,164	-0,027	-0,354*	-0,071	-0,246	-0,213	-0,165
Total Amigos	ρ	-0,319*	0,036	-0,067	0,115	0,122	0,075	-0,160	0,067	0,149

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

Dim1= Antissocial; Dim2= Problemas de Atenção/Hiperatividade; Dim3= Ansiedade/Depressão; Dim4= Isolamento; Dim5= Queixas Somáticas; Dim6= Problemas de Comportamento Esquizoide; Sínd. Ext.= Síndrome Externalização; Sínd. Int.= Síndrome Internalização; Total Psico.= Total Psicopatologia.

Nas correlações do YSR com o IPPA, observa-se que o comportamento Antissocial tem uma relação fraca e negativa com a Confiança e Comunicação Mãe ($\rho = -0,377$; $\rho = -0,353$; $p \leq 0,01$) e com a Comunicação Amigos ($\rho = -0,291$; $p \leq 0,05$), e fraca negativa com a Alienação Mãe ($\rho = 0,341$; $p \leq 0,05$). Também os Problemas de Atenção/Hiperatividade mostram uma relação fraca e positiva com a Alienação Mãe ($\rho = 0,365$; $p \leq 0,01$) e Alienação Pai ($\rho = 0,309$; $p \leq 0,05$). Seguidamente, a Ansiedade/Depressão apresenta uma relação positiva e fraca com a Alienação Mãe, Pai e Amigos ($\rho = 0,340$; $\rho = 0,308$; $\rho = 0,279$; $p \leq 0,05$) e negativa com a Confiança Mãe ($\rho = -0,278$; $p \leq 0,05$). Por sua vez, o Isolamento exibe uma relação fraca e

positiva com a Alienação Mãe e Pai ($\rho = 0,329$; $\rho = 0,328$; $p \leq 0,05$). As Queixas Somáticas correlacionam-se moderada e positivamente com a Alienação Pai ($\rho = 0,422$; $p \leq 0,01$), têm uma associação positiva e fraca com a Alienação Mãe ($\rho = 0,317$; $p \leq 0,05$), verificando-se ainda, uma correlação fraca e negativa com a Comunicação Pai ($\rho = -0,294$; $p \leq 0,05$). Por fim, os Problemas de Comportamento Esquizoide somente apresentam uma relação fraca e positiva com a Alienação Amigos ($\rho = 0,308$; $p \leq 0,05$).

A Síndrome de Externalização relaciona-se positiva e moderadamente com a Alienação Mãe ($\rho = 0,402$; $p \leq 0,01$), enquanto a Síndrome de Internalização relaciona-se positiva e moderadamente com a Alienação Pai ($\rho = 0,429$; $p \leq 0,01$), e apresenta ainda uma relação positiva e fraca com a Alienação Mãe ($\rho = 0,360$; $p \leq 0,01$) e Amigos ($\rho = 0,270$; $p \leq 0,05$). Quanto ao Total de Psicopatologia, verifica-se uma relação positiva e moderada com a Alienação Mãe ($\rho = 0,414$; $p \leq 0,01$) e fraca e positiva com a Alienação Pai ($\rho = 0,396$; $p \leq 0,01$).

No que concerne ao comportamento Antissocial, evidencia-se uma relação fraca e negativa com o IPPA Total Mãe ($\rho = -0,381$; $p \leq 0,01$) e IPPA Total Amigos ($\rho = -0,319$; $p \leq 0,05$). Por sua vez, as Queixas Somáticas apresentam uma relação fraca e negativa com o IPPA Total Pai ($\rho = -0,354$; $p \leq 0,05$). Por fim, importa ainda destacar que a Síndrome de Externalização apresenta unicamente uma relação negativa e fraca com o IPPA Total Mãe ($\rho = -0,286$; $p \leq 0,05$). Nas correlações entre o IPPA e o YSR, observa-se que a Confiança Mãe estabelece correlações fracas e negativas com o Comportamento Antissocial e a Ansiedade/Depressão ($\rho = -0,377$; $\rho = -0,278$; $p \leq 0,05$). Na Confiança Pai observam-se correlações fracas e negativas com a Síndrome de Externalização e com o Comportamento Antissocial ($\rho = -0,207$; $\rho = -0,203$; $p \leq 0,05$). A Confiança Amigos apresenta correlações fracas e negativas com o Total de Psicopatologia e com o Comportamento Antissocial ($\rho = -0,222$; $\rho = -0,211$; $p \leq 0,05$). Na dimensão Comunicação Mãe verificam-se correlações negativas e fracas com o Comportamento Antissocial e com a Síndrome de Externalização ($\rho = -0,353$; $\rho = -0,243$; $p \leq 0,05$). A Comunicação Pai apresenta somente uma correlação fraca e negativa com as Queixas Somáticas ($\rho = -0,294$; $p \leq 0,05$) e a Comunicação Amigos correlaciona-se fraca e negativamente com o Comportamento Antissocial ($\rho = -0,291$; $p \leq 0,05$). No que respeita à Alienação Mãe, verificam-se correlações moderadas e positivas com o Total de Psicopatologia e a Síndrome de Externalização ($\rho = 0,414$; $\rho = 0,402$; $p \leq 0,01$), bem como relações fracas e positivas com os Problemas de Atenção/Hiperatividade, com a Síndrome de Internalização, com o Comportamento Antissocial, com a Ansiedade/Depressão, com o

Isolamento e com as Queixas Somáticas, ($\rho = 0,365$; $\rho = 0,360$; $\rho = 0,341$; $\rho = 0,340$; $\rho = 0,329$; $\rho = 0,317$; $p \leq 0,05$). Atendendo à Alienação Pai, observam-se correlações moderadas e positivas com a Síndrome Internalizante e as Queixas Somáticas ($\rho = 0,429$; $\rho = 0,422$; $p \leq 0,01$), existindo também correlações positivas e fracas com o Total de Psicopatologia, Isolamento, Problemas de Atenção/Hiperatividade, Ansiedade/Depressão, Problemas de Comportamento Esquizoide e Síndrome de Externalização ($\rho = 0,396$; $\rho = 0,328$; $\rho = 0,309$; $\rho = 0,308$; $\rho = 0,262$; $\rho = 0,262$; $p \leq 0,05$). Na Alienação Amigos somente se verificam correlações positivas e fracas com o Comportamento Esquizoide, Ansiedade/Depressão, Síndrome Internalizante, Total de Psicopatologia e Síndrome Externalizante ($\rho = 0,308$; $\rho = 0,279$; $\rho = 0,270$; $\rho = 0,263$; $\rho = 0,222$; $p \leq 0,05$).

No que diz respeito ao Total IPPA Mãe, verificam-se associações negativas e fracas com o Comportamento Antissocial, Síndrome de Externalização e a Ansiedade/Depressão ($\rho = -0,381$; $\rho = -0,286$; $\rho = -0,246$; $p \leq 0,05$). No IPPA Total Pai observam-se correlações fracas e negativas com as Queixas Somáticas e Síndromes Externalizante e Internalizante ($\rho = -0,354$; $\rho = -0,246$; $\rho = -0,213$; $p \leq 0,05$). Por fim, no IPPA Total Amigos somente se constata uma correlação fraca e negativa com o Comportamento Antissocial ($\rho = -0,319$; $p \leq 0,05$).

Discussão dos Resultados e Conclusões

Pretendemos com este estudo verificar se existiam diferenças ao nível dos problemas de comportamento e na qualidade da vinculação aos pais e amigos em função de algumas variáveis sociodemográficas, bem como investigar separadamente as associações entre as dimensões do YSR e do IPPA e, finalmente, analisar as correlações entre o YSR e o IPPA em todas as dimensões.

No essencial, a análise das correlações do YSR demonstraram uma sobreposição dos comportamentos internalizantes com os externalizantes, constatando-se uma maior associação entre a Síndrome de Internalização e a Psicopatologia. Resultados semelhantes têm sido referidos em diversos estudos (Fonseca et al., 1995; Monteiro e Fonseca, 1998; Simões et al., 2000).

Em termos gerais, no que diz respeito aos problemas de comportamento avaliado pelo YSR, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo nas Queixas Somáticas, em que as raparigas apresentam valores mais elevados comparativamente aos rapazes. Este resultado é consensual com a literatura, visto que os estudos mostram que os

comportamentos internalizantes são mais frequentes no sexo feminino (Fonseca et al., 1995; Monteiro e Fonseca, 1998; Simões et al., 2000).

No que diz respeito ao IPPA, verificaram-se associações significativas nas três dimensões (Armsden e Greenberg, 1987), tal como era esperado, com exceção na Alienação Pai. Uma vez que este dado não é justificado pela literatura, podemos conjecturar dois motivos, nomeadamente, práticas paternas inconsistentes ou um menor envolvimento do pai na relação com o(s) filho(s), que os leva a percepcionar o pai como mais disponível e menos ausente, em oposição à mãe e aos amigos.

Relativamente à qualidade da vinculação aos pais e amigos avaliados pelo IPPA, constatou-se unicamente uma diferença estatisticamente significativa na dimensão vinculação Comunicação ao Pai quanto ao sexo, em que os rapazes comparativamente às raparigas apresentam valores mais elevados. Genericamente, as investigações revelam que o pai envolve-se mais com o(s) filho(s) do que com as filha(s), despendendo mais tempo em atividades com os rapazes (Feldman, 2003; Lamb, 2000; Manlove e Vernon-Feagans, 2002). Similarmente, vários estudos têm demonstrado que os rapazes e as raparigas comportam-se (desde muito cedo) de maneira diferente com o pai e com a mãe (e.g. Vieira, 2006). Porém, não nos é possível afirmar se tal diferença advém de práticas distintas de socialização muito precoces entre filho-pai, ou se assentam em fatores de natureza biológica.

No nosso estudo, também se verificaram diferenças estatisticamente significativas na Alienação Mãe dependendo da idade do adolescente. Observa-se, no grupo dos adolescentes mais novos, valores mais reduzidos de alienação à mãe, comparativamente ao grupo dos mais velhos. De acordo com van Wel (1994), a qualidade da relação pais-adolescentes caracteriza-se nas primeiras fases da adolescência por um maior distanciamento e, posteriormente, pelo retorno/procura da intimidade e proximidade, à medida que a idade adulta se aproxima. Uma das principais tarefas desenvolvimentais no início da adolescência consiste no aumento progressivo da autonomia, o que leva os adolescentes a depender cada vez menos do suporte maternal, e a estabelecer novas relações de vinculação com outros significativos (e.g. pares, companheiros amorosos), o que pode justificar esta perceção de afastamento da mãe (Allen e Land, 1999). Seria, por isso, interessante verificar em futuros estudos longitudinais se há efetivamente uma reaproximação aos pais com a entrada na idade adulta por parte destes jovens.

No que concerne às reprovações, verificou-se que os alunos que mais vezes ficaram retidos apresentaram pontuações mais elevadas na Comunicação com o Pai e na Alienação

aos Amigos, assim como os alunos que já sofreram sanção disciplinar alegam maior Confiança com a Mãe e têm também pontuações mais elevadas no IPPA total Mãe. Estes resultados não são concordantes com a literatura, dado que os indivíduos que possuem relacionamentos mais ajustados com a família e pares apresentam melhor desempenho acadêmico e menos problemas de comportamento (Aviezer, Resnick, Sagi e Gini, 2002), ou seja, as relações de vinculação concebidas com base na confiança e comunicação funcionam como fatores protetores para os problemas de comportamento na adolescência (Aber e Allen, 1987; Armsden e Greenberg, 1987; Cassidy, 1990). No nosso estudo, a mãe e o pai parecem superproteger o(s) filho(s). As repercussões psicológicas de uma superproteção, muitas vezes confundida com um bom apoio familiar, investe-se de uma enorme tolerância e desresponsabilização dos comportamentos do(s) filho(s) (Loeber e Farrington, 2000) que, por sua vez, não veem a escola como um local onde os seus maus comportamentos terão consequências negativas. Por este motivo, recomenda-se que os pais e a escola funcionem em conjunto, pois quanto maior for a complementaridade entre ambas as partes, mais positivos serão os resultados na formação da personalidade do adolescente.

Quanto ao sentimento de afastamento dos amigos, este resultado poderá ser melhor explicado tendo em conta as frequentes mudanças de escola, associadas às retenções que caracterizam estes alunos. Mudanças essas que implicaram deixar para trás os amigos, obrigando-os a um novo investimento na procura de um novo grupo de pares. Bakker, Ormel, Verhulst e Oldehinkel (2009) constataram que os adolescentes com relações menos próximas de amizade têm dificuldades interpessoais e que as ruturas nas relações de amizade têm implicações na sua saúde mental (Grossman, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch e Zimmermann, 2002; Lamb, 1975).

Um dos objetivos deste estudo passou ainda por analisar as relações das diversas dimensões do comportamento e a perceção da qualidade da vinculação aos pais e amigos na adolescência. As análises de correlação entre o IPPA e o YSR revelaram maiores associações entre a Alienação Pai e Mãe com as diferentes perturbações do comportamento. Destaca-se a importância desta dimensão (alienação) na associação com as diferentes perturbações avaliadas pelo YSR. Os nossos resultados fortalecem a ideia de que os problemas de comportamento internalizante e externalizante evidenciados pelos adolescentes tendem a estar estreitamente relacionados com a qualidade das representações internas que estes organizaram das suas vivências com os principais cuidadores (Laible, Carlo, Torquati e Ontai, 2004). É relevante verificar que, nas análises de correlação entre o YSR e o IPPA, é o comportamento

antissocial que apresenta um maior número de correlações, e está negativamente relacionado com a Comunicação e Confiança à Mãe, com a Comunicação aos Amigos, com o IPPA total Mãe e Amigos e positivamente com a Alienação à Mãe. Pelo exposto já anteriormente relativamente à superproteção, parece-nos plausível inferir que os estilos educativos parentais poderão limitar a adaptação social dos adolescentes e, por sua vez, o desenvolvimento de problemas de comportamento, ao nível de uma conduta antissocial. Acrescente-se que os comportamentos antissociais são descritos na literatura como resultado de interações problemáticas entre pais e filhos na infância (Hogan e Jones, 1983; Patterson, 1982; Patterson, Reid e Dishion, 1992). Tendo em conta o modelo desenvolvimental proposto por Patterson e colaboradores (1992), o comportamento antissocial não é um indicador de características ou disposições do adolescente, mas reflete antes falhas nos processos de aprendizagem social devido à falta de aptidões educativas dos pais.

Os resultados do nosso estudo alertam para a importância que tem para os adolescentes que os pais estejam disponíveis e acessíveis, e que continuem a cumprir o seu papel de figuras de vinculação durante e para além da adolescência. No nosso entender é urgente dar uma maior atenção, em termos de prevenção de possíveis desenvolvimentos de perturbações psicológicas nesta fase.

Importa chamar atenção para algumas limitações deste estudo, que possam restringir o alcance de algumas conclusões. Primeiro, devido ao facto de se basear apenas em instrumentos de autorrelato, os indivíduos podem ter dado respostas defensivas ou socialmente desejáveis. Segundo, apesar de os instrumentos utilizados nos proporcionarem uma ampla lista de problemas do adolescente, não nos dão a informação acerca das circunstâncias/variáveis que influenciam ou determinam a ocorrência desses problemas ou os padrões de desenvolvimento. Por fim, o carácter transversal deste estudo não nos permite aceder à compreensão dos processos psicológicos que lhe estão associados, o que constitui uma óbvia limitação. Dadas estas restrições, é de acentuar o carácter meramente exploratório deste estudo, embora os resultados tenham trazido um contributo que cremos relevante para futuras investigações com este tipo de população e, quiçá, na necessidade de repensar as políticas educativas e sociais implementadas no nosso país (e.g. reflexão sobre os planos curriculares e formação psicopedagógica dos docentes). Neste contexto, podem ser executados programas para fortalecer capacidades cruciais para o crescimento pessoal dos adolescentes nos mais diversos domínios e ao longo do seu desenvolvimento, particularmente com o envolvimento da família, prestação de apoio adequado aos alunos com dificuldades de

aprendizagem e com problemas de comportamento emocional e/ou comportamental, e através da criação de atividades extracurriculares ajustadas aos interesses dos jovens.

Antes de terminar, consideramos importante enfatizar o facto de a nossa amostra ser proveniente de uma escola técnico e profissional, correspondendo a percursos escolares cuja duração e destino, em termos de futuro profissional, se contrapõe ao ensino regular. Ao debruçarmo-nos sobre o percurso escolar destes adolescentes, constatámos que trazem consigo uma experiência de vida académica, pautada pela retenção e, consequentemente, pelo insucesso escolar, várias mudanças de escolas e processos disciplinares. A existência de Cursos de Educação e Formação resulta sem dúvida numa possibilidade de as escolas darem uma resposta às necessidades educativas daqueles que não se enquadram no ensino regular e, por outro lado, de lutarem contra o abandono escolar. Torna-se, então, pertinente refletirmos e compreendermos como é feito o acesso destes alunos aos cursos de educação e formação, e como lhes é apresentada esta alternativa ou encaminhamento. Na opinião de Abrantes (2003), verifica-se que são os alunos oriundos de meios desfavorecidos, com fracos resultados académicos e problemas de indisciplina, que são encaminhados para estes cursos. A escola, não podendo fazê-lo de forma declarada ou via regra, desenvolve pressões para que os alunos se encaixem nesta “escola inclusiva”. O que acontece é a divisão dos maus alunos (que seguem a via profissionalizante) dos bons alunos (que permanecem no ensino regular), podendo levar indelevelmente à segregação.

Bibliografia

Aber, J. L. e Allen, J. P. (1987). Effects of maltreatment on young children's socioemotional development: An attachment theory perspective. *Developmental Psychology*, 23(3), 406-414.

Abrantes, P. (2003). *Os sentidos da escolar. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*. Oeiras: Editora Celta.

Achenbach, T. M. (1991a). *Integrative guide for the 1991 CBCL/4-18, YSR, and TRF profiles*. Burlington, Vermont: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach, T. M. (1991b). *Manual for the youth self-report and 1991 profile*. Burlington, Vermont: University of Vermont, Department of Psychiatry.

Achenbach, T. M., Verhulst, F. C., Edelbrock, C., Baron, G. D., e Akkerhuis, G. W. (1987). Epidemiological comparisons of American and Dutch children: II. behavioral/emotional problems reported by teachers for ages 6 to 11. *Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 26(3), 326-332.

Ainsworth, M. D. S. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychologist*, 34, 932-937.

Ainsworth, M. D. S. e Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.

Allen, J. P. e Land, D. (1999). Attachment in adolescence. Em J. Cassidy e P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319–335). New York: Guilford.

Al-Yagon, M. (2011). Adolescents' subtypes of attachment security with fathers and mothers and self-Perceptions of socioemotional adjustment. *Psychology*, 2(4), 291-299.

Armsden, G. C. e Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.

Aviezer, O., Sagi, A., Resnick, G. e Gini, M. (2002). School competence in young adolescence: Links to early attachment relationships beyond concurrent self-perceived competence and representations of relationships. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 397-409.

Baharudin, R. e Zulkefly, N. S. (2009). Relationships with father and mother, self-esteem and academic achievement amongst college students. *American Journal of Scientific Research*, 6, 86-94.

Bakker, M. P., Ormel, J., Verhulst, F. C. e Oldehinkel, A. J. (2009). Peer stressors and gender differences in adolescents' mental health: the TRAILS study. *Journal of Adolescent Health*, 46(5), 444-450.

Bowlby, J. (1969). Attachment and loss: Vol. 1. Attachment. New York: Basic Books.

Bowlby, J. (1973). Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger. New York: Basic Books.

Bukowski, W. M. (2001). Friendship and the worlds of childhood. Em W. Nangle e C. A. Erdley (Orgs.). *The role of friendship in psychological adjustment - New directions of child and adolescent development* (pp. 93-106). San Francisco: Jossey Bass.

Bukowski, W. M. e Sippola, L. K. (1995). *Friendship protects at-risk children from victimization by peers*. Presented at the Biennial Meeting of the Society for Reserach on Child Development, Indianapolis, Indiana.

Cassidy, J. (1990). *Theoretical and methodological considerations in the study of attachment and the self in young children*. Em Greenberg, M. T., Cicchetti, D., Cummings, E. M. (Eds.), Attachment in the preschool years: theory, research, and intervention. (pp. 87-119). Chicago: The University of Chicago Press.

Cassidy, J. e Shaver, P. R. (Eds.) (1999). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York: Guilford.

Feldman, R. (2003). Infant Mother and Infant – Father Synchrony: The Regulation of Positive Arousal. *Infant Mental Health Journal*, 24(1), 1-23.

Fonseca, A. C. e Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: O youth self-report de Achenbach. *Psychologica*, 21, 79-96.

Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. A. e Cardoso, F. (1995). Comportamentos antissociais referidos pelos próprios alunos. Novos dados para a população portuguesa do ensino básico. *Psychologica*, 14, 39-57.

Fonseca, A. C., Simões, A., Rebelo, J. A., Ferreira, J. A. e Cardoso, F. (1994). Um inventário de competências sociais e de problemas do comportamento em crianças e adolescentes – o child behaviour checklist de Achenbach (CBCL). *Psychologica*, 12, 55-78.

Fonseca, A. C., Taborda Simões, M. C. e Formosinho, M. D. (2000). Retenção escolar e comportamentos anti-sociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1,2,3), 323-340.

- Granot, D. e Mayseless, O. (2001). Attachment security and adjustment to school in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 25(6), 530–541.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Engelsch, H. e Zimmermann, A. P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11, 301-337.
- Hodges, E., Malone, M. e Perry, D. (1997). Individual risk and social risk as interacting determinants of victimization in the peer group. *Developmental Psychology*, 33, 1032–1039.
- Hogan, R. e Jones, W. H. (1983). *A role theoretical model of criminal conduct*. Em W. S. Laufer e J. M. Day (Eds.), *Personality Theory, Moral Development and Criminal Behavior*. Boston: Lexington.
- Laible, D. J., Carlo, G. e Raffaelli, M. (2000). The differential relations of parent and peer attachment to adolescent adjustment. *Journal of and Adolescence*, 29(1), 45–59.
- Laible, D., Carlo, G., Torquati, J. e Ontai, L. (2004). Children's perceptions of family relationships as assessed in a doll story completion task: Links to parenting, social competence, and externalizing behavior. *Social Development*, 13, 551-569.
- Lamb, M. (1975). Fathers: Forgotten contributors to child development. *Human Development*, 18, 245-266.
- Lamb, M. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.
- Loeber, R. e Farrington, D. P. (2000) Young children who commit crime: Epidemiology, developmental origins, risk factors, early interventions, and policy implications. *Development and Psychopathology*, 12, 737-767.
- Machado, T. e Fonseca, A. C. (2011, Novembro). *Vinculação aos pais, ambiente e percepção de competências e bem-estar em adolescentes portugueses*. II International Congress “Interfaces of Psychology: Quality of life... living with quality”, Universidade de Évora.
- Machado, T. S. e Fonseca, A. C. (2009). Desenvolvimento adaptativo em jovens portugueses: será significativa a relação com os pais? *Internacional Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1(3), 461-468.
- Machado, T. S. e Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, VI (1), 97-115.
- Machado, T. S. Fonseca, A. C. e Queiroz, E. (2008). Vinculação aos pais e problemas de internalização em adolescentes – Dados de um estudo longitudinal. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 321-332.
- Main, M. e Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/disoriented middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 25(6), 530-541.
- Manlove, E. E. e Vernon-Feagans, L. (2002). Caring for infants, daughters and sons in dual-earner households: Maternal reports of father involvement in weekday time and tasks. *Infant and Child Development*, 11(4), pp. 305-320.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística, com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Monteiro, C. M. e Fonseca, A. C. (1998). Problemas emocionais na adolescência e juventude: O ponto de vista dos alunos e dos professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXII 2, 187-208.

Neves, L. (1995). *Suporte emocional na adolescência: A importância dos pais e dos amigos em momentos de transição escolar*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Neves, L. Soares, I., e Silva, M. C. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – IPPA. Em M. R. Simões, M. M. Gonçalves e L. S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. 2). Braga: APPORT/SOHO.

Neves, L., Soares, I. e Machado, P., (1993). *Inventory of Parent and Peer Attachment – IPPA* (Inventário sobre a vinculação na adolescência; Versão para investigação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.

Patterson, G. R. (1982). Coersive family process. Eugene, OR: Castalia Press.

Patterson, G. R., Reid, J. B. e Dishion, T. J. (1992). Antisocial boys. Eugene, OR: Castalia.

Pestana, M. H. e Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS* (5.ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Reitz, E., Deković, M., Meijer, A. M. e Engels, R. C. M. E. (2006). Longitudinal relations among parenting, best friends, and early adolescent problem behavior. Testing bidirectional effects. *The Journal of Early Adolescence*, 26(3), 272-295.

Ryan, R. M. e Lynch, J. H. (1989). Emotional autonomy versus detachment: revisiting the vicissitudes of adolescence and young adulthood. *Child Development*, 60, 340-356.

Sampaio, D. (1993). *Vozes e ruídos*. Diálogo com adolescentes. Lisboa: Editorial Caminho.

Simões, A., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Rebelo, J. A., Ferreira, G. A., e Gregório, M. H. (2000). Diferenças de género no comportamento antissocial e nos problemas emocionais: dados transversais e longitudinais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1,2,3), 107-130.

Simões, M. R. (1995). Política e moral da avaliação psicológica: Considerações em torno dos problemas éticos e deontológicos. Em L. S. Almeida e I. O. Ribeiro (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. III, pp. 155-162). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Soares, I. (2000). *Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: Teoria e investigação das relações de vinculação*. Em I. Soares (Coord.) *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 381-434). Coimbra: Quarteto.

Taborda Simões, M. C., Fonseca, A. C., e Lopes, M. C. (2011). Abandono escolar precoce e comportamento antissocial na adolescência: dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45(2), 187-198.

Taborda Simões, M. C., Fonseca, A. C., Formosinho, M. D., Rebelo, J. A. e Ferreira, A. G. (2000a). Comportamento antissocial e problemas emocionais: Dados de uma comparação entre alunos do ensino público e do ensino privado. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2,3), 437-453.

Taborda Simões, M. C., Fonseca, A. C., Formosinho, M. L. V. D. e Lopes, M. C. (2008). Abandono escolar precoce: Dados de uma investigação empírica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42, (1), 135-151.

Taborda Simões, M. C., Formosinho, M. D. e Fonseca, A. C. (2000b). Efeitos do contexto escolar em crianças e adolescentes: Insucesso e comportamentos antissociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXXIV (1, 2,3), 405-436.

Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing Fathers' Roles: Playmates and More. *Human Development*, 47, 220-227.

van Wel, F. (1994). I count my parents among my best friends: Youths' bonds with parents and friends in the Netherlands. *Journal of Marriage and the Family*, 56(4), 835-843.

Verschueren, K. e Marcoen, A. (2005). *Perceived Security of Attachment to Mother and Father. Developmental Differences and Relations to Self-Worth and Peer Relationships at School*. Em K. Kerns e R. Richardson (Eds.), *Attachment in Middle Childhood* (pp. 212-228). New York: The Guilford Press.

Vieira, C. (2006). *É Menino ou Menina? Género e Educação em Contexto Familiar*. Coimbra: Almedina.

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B. e Carlson, E. (1999). *The nature of individual differences in infant-caregiver attachment*. Em Cassidy, J. e Shaver, P. (Eds.), *Handbook of Attachment: Theory, research, and clinical application* (pp. 68-88). New York: Guilford Press.

Anexos

Investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica (Ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica): Pedido de autorização submetido à Direção e Consentimento informado.

Qualidade da vinculação e comportamentos em adolescentes: Questionário Sociodemográfico.

Questionário de autoavaliação para Jovens (YSR)

Inventário Sobre a Vinculação na Adolescência (IPPA)

**Investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica
(Ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica)**



Coimbra, fevereiro de 2011

Assunto: Pedido para a realização de uma investigação

Ex. mo Senhor do Conselho da Direção

Eu, Vera Filipa da Silva Abreu estudante do Mestrado de Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga, encontro-me a realizar um estudo acerca da qualidade da vinculação e comportamentos em adolescentes.

Pretendo através desta carta requerer permissão para a realização desta investigação junto dos alunos dos Cursos de Educação e Formação (T2 + T3) [REDACTED] e solicitar a recolha de dados, no decorrer do 2º Período, garantindo a confidencialidade da escola e dos alunos participantes, na tese e em qualquer artigo publicado que decorra deste estudo.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-mo com os melhores cumprimentos, ficando à Vossa inteira disposição para prestar quaisquer esclarecimentos.

Atentamente;

Vera Filipa da Silva Abreu

Investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica (Ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica)



Exmo. (a) Sr. (a) Encarregado de Educação

Coimbra, março de 2012

Eu, Vera Filipa da Silva Abreu estudante do Mestrado de Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga, encontro-me a realizar um estudo acerca da qualidade da vinculação e comportamentos em adolescentes.

Assim, solicito que autorize a participação do seu filho nesta investigação, que envolve o preenchimento de alguns questionários para avaliar as medidas em estudo. O seu preenchimento será de aproximadamente de 40 minutos e, se o adolescente quiser desistir, será livre de o fazer a qualquer momento.

Todos os questionários administrados serão anónimos e de extrema confidencialidade, sendo os dados recolhidos utilizados exclusivamente em proveito deste estudo.

Sem outro assunto e na expectativa de uma resposta favorável da sua parte, agradeço a atenção dispensada e despeço-me com os melhores cumprimentos.

Atentamente,

Vera Abreu

Eu, Encarregado de Educação do aluno(a),

autorizo/ não autorizo(*) o meu educando a participar no preenchimento dos questionários.

Assinatura: _____

Data: ____ / ____ / ____

(*) – Riscar o que não interessa.

Código:

Comportamento e Vinculação em Adolescentes

Questionário sociodemográfico

SECÇÃO I

1. Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino
2. Qual o teu tipo de formação técnica e profissional?
Tipo 2 ☐ Tipo 3 ☐
3. Qual é a tua idade? _____

SECÇÃO II

1. Escolaridade do teu pai e da tua mãe

- Pai** ☐ 4.º ano
☐ 6º ano
☐ 9º ano
☐ 12º ano
☐ Bacharelato
☐ Licenciatura
☐ Mestrado/ Doutoramento

- Mãe** ☐ 4.º ano
☐ 6º ano
☐ 9º ano
☐ 12º ano
☐ Bacharelato
☐ Licenciatura
☐ Mestrado/ Doutoramento

2. Situação Profissional do teu pai e da tua mãe

O teu pai trabalha?

- ☐ Sim ☐ Não
- ☐ Desempregado
- ☐ Reformado

A tua mãe trabalha?

- ☐ Sim ☐ Não
- ☐ Desempregada
- ☐ Reformada

3. Com quem vives ?

- ☐ Com ambos os pais
- ☐ Com a mãe
- ☐ Com o pai
- ☐ Com a mãe e o padrasto
- ☐ Com o pai e a madrasta
- ☐ Outro. Quem? _____

4. Tens irmãos?

Não ☐ Sim ☐

Quantos? _____

SECÇÃO III

1. Alguma vez reprovaste?

Não ☐ Sim ☐

Quantas vezes? _____

Em que anos? _____/_____/_____/_____/_____

Quantas vezes mudaste de escola? _____

Alguma vez tiveste processos disciplinares?

Não ☐ Sim ☐

Questionário de autoavaliação para Jovens (YSR)

Achenbach e Edelbrock, 1987; Achenbach, 1991. Versão portuguesa: Fonseca e Monteiro, 1999.

Segue-se uma lista de afirmações que descrevem o comportamento dos jovens.
AGORA OU NOS ÚLTIMOS 6 MESES.

- Marca com uma **(X)** no **2** se a afirmação é **MUITO VERDADEIRA** ou **FREQUENTEMENTE VERDADEIRA**.
- Marque a cruz no **1** se a afirmação é **ALGUMAS VEZES VERDADEIRAS**.
- Se a afirmação é **não verdadeira**, marca com uma cruz no **0**.

Por favor responda a todas as afirmações o melhor que possa, mesmo se algumas vezes pareçam não se aplicar exatamente.

	0	1	2
1. Comporto-me de maneira demasiado infantil para a minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho alergia(s). Descreva: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Discuto muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tenho asma.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Comporto-me como se fosse do sexo oposto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Gosto de animais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sou gabarolas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Tenho dificuldade em concentrar-me, não consigo estar muito tempo com atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Não consigo afastar da minha cabeça determinados pensamentos. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tenho dificuldades em estar sentado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sou muito dependente dos adultos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me só.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Sinto-me confuso ou desorientado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Choro muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Sou muito honesto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sou mau para os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

17.Sonho bastante acordado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.Já tentei deliberadamente ferir-me ou matar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.Tento chamar a atenção sobre mim bastantes vezes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.Destruo as minhas coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.Destruo as coisas que pertencem aos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.Desobedeço aos meus pais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.Sou desobediente na escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.Não como tudo o que devia comer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.Não me dou bem com os outros jovens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Não me sinto culpado depois de ter feito algo que não devia fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Sou ciumento.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Gosto de ajudar os outros quando eles necessitam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Tenho medo de alguns animais, situações ou lugares. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Tenho medo de ir à escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Tenho medo de pensar ou fazer algo mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Penso que tenho de ser perfeito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Penso que ninguém gosta de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Penso que os outros me andam a perseguir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sinto-me inferior ou sem valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Tenho muitos acidentes ou ferimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Entro em muitas brigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Sou gozado ou arreliado muitas vezes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Costumo andar com companheiros que frequentemente estão metidos em problemas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ouço sons e vozes que os outros não ouvem. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Sou impulsivo, faço coisas sem pensar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Gosto mais de estar só do que estar acompanhado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Minto ou faço intrujices.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Tenho o hábito de roer as unhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Sou nervoso ou tenso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Tenho tiques ou movimentos nervosos (descreve-os) _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Tenho pesadelos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Os outros jovens não gostam de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Consigo fazer certas coisas melhor que a maioria dos jovens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sou demasiado medroso ou ansioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

51. Sinto tonturas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Sinto-me culpado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Como em demasia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
54. Sinto-me muito cansado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
55. Tenho peso a mais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
56. Tenho problemas físicos sem causa médica conhecida:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
a) Dores (sem ser de cabeça)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Dores de cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Náuseas e enjoos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
d) Problemas com os olhos. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Problemas com a pele	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Dores de barriga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
g) Vômitos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
h) Outros. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
57. Ataco fisicamente as outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
58. Arranho com os dedos o nariz, a pele ou outras partes do corpo Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
59. Sou capaz de ser muito amigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
60. Gosto de experimentar coisas novas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
61. O meu rendimento escolar é fraco.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
62. Sou desajeitado ou tenho má coordenação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
63. Prefiro estar com os companheiros mais velhos do que com os da minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
64. Prefiro estar com os companheiros mais novos do que com os da minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
65. Recuso-me a falar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
66. Repito várias vezes certos comportamentos. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
67. Fujo de casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
68. Grito muito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
69. Costumo ter segredos ou guardar as coisas para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
70. Vejo coisas que mais ninguém vê. Descreve-os: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
71. Sinto-me facilmente embaraçado ou acanhado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
72. Ateio fogos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
73. Sou muito habilidoso com as mãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
74. Gosto de dar nas vistas ou de me fazer engraçado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
75. Sou envergonhado ou tímido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

76. Durmo menos que a maioria dos jovens.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
77. Durmo mais que a maioria dos outros jovens durante o dia e/ou durante a noite. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
78. Tenho boa imaginação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
79. Tenho um problema na fala. Descreve-o: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
80. Luto pelos meus direitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
81. Roubo coisas em casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
82. Roubo coisas fora de casa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
83. Guardo coisas que não me fazem falta. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
84. Faço coisas que as outras pessoas acham estranhas. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
85. Tenho pensamentos que as outras pessoas acham estranhos. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
86. Sou atencioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
87. A minha disposição ou sentimentos mudam de repente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
88. Gosto de estar com as outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
89. Sou desconfiado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
90. Praguejo ou digo palavras obscenas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
91. Penso em matar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
92. Gosto de fazer os outros rir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
93. Falo em demasia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
94. Arrelio muito os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
95. Tenho acessos de mau humor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
96. Penso em demasia em sexo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
97. Ameaço ferir as outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
98. Gosto de ajudar os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
99. Preocupo-me em demasia com a arrumação ou limpeza.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
100. Tenho dificuldades no sono. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
101. Falto à escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
102. Não tenho muita energia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
103. Sou infeliz, triste ou deprimido.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
104. Faço mais barulho que os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
105. Utilizo álcool ou drogas sem finalidade médica. Descreve: _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
106. Tento ser justo com os outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

107. Gosto de anedotas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
108. Gosto de levar a vida despreocupadamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
109. Tento ajudar os outros sempre que posso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
110. Desejo ser do sexo oposto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
111. Evito estar com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
112. Preocupo-me em demasia.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Inventário sobre a Vinculação na Adolescência (IPPA)

Armsden e Greenberg (1987). Versão Portuguesa: Neves, Soares e Silva, 1999.

Instruções

Este inventário procura avaliar as relações atuais dos adolescentes com pessoas significativas – com a mãe, com o pai e com os amigos mais chegados. Por favor, leia cuidadosamente as instruções de cada parte do inventário.

Parte 1

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos seus sentimentos para com a sua **mãe ou a pessoa que fez as vezes de mãe**. Se tem mais de uma pessoa nessas circunstâncias (ou seja, a mãe natural e a mãe adotiva, a madrinha, a avó, etc.) responda às afirmações seguintes tomando como referência aquela que mais o(a) influenciou.

Por favor, leia cada afirmação cuidadosamente e marque uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento considera mais verdadeira. No fim, certifique-se de que respondeu a todas as afirmações.

Use a seguinte chave:

(1) Nunca ou quase nunca; (2) Poucas vezes; (3) Bastantes vezes; (4) Muitas vezes; (5) Sempre ou quase sempre

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1. A minha mãe respeita os meus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Acho que a minha mãe é uma boa mãe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. A minha mãe aceita-me tal como sou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Gosto sempre de saber a opinião da minha mãe sobre as coisas que são importantes para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6.Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos à minha mãe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.Mesmo quando estou fora de mim, sou capaz de escutar o que a minha mãe me queira dizer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas à minha mãe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.A minha mãe espera demasiado de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.Perco a cabeça facilmente com a minha mãe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.Fico fora de mim mais frequentemente do que a minha mãe pensa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.Quando conversamos sobre qualquer assunto, a minha mãe tem em devida conta as minhas opiniões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.A minha mãe confia na minha capacidade de ajuizar as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.Não aborreço a minha mãe com os meus problemas, pois ela já tem os dela.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.A minha mãe ajuda-me a eu compreender-me melhor a mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.Costumo falar à minha mãe dos meus problemas ou complicações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.A minha mãe irrita-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.A minha mãe não me dá muita atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.A minha mãe ajuda-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.A minha mãe compreende-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.Quando me irrita com qualquer coisa a minha mãe procura ser compreensiva.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.Confio na minha mãe.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.A minha mãe não compreende o que é a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.Posso contar com a minha mãe quando preciso de me ver livre de algum peso que tenho dentro de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.Quando a minha mãe percebe que tenho alguma coisa que me aborrece, pergunta-me sempre o que tenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte II

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos seus sentimentos para com o seu **pai ou a pessoa que fez as vezes de pai**. Se tem mais de uma pessoa nessas circunstâncias (ou seja, o pai natural e o pai adotivo, o padrinho, o tio, etc.) responda às afirmações seguintes tomando como referência aquele que mais o(a) influenciou.

Por favor, leia cada afirmação cuidadosamente e marque uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento considera mais verdadeira. No fim, certifique-se de que respondeu a todas as afirmações.

Use a seguinte chave:

(1) Nunca ou quase nunca; (2) Poucas vezes; (3) Bastantes vezes; (4) Muitas vezes; (5) Sempre ou quase sempre

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1. O meu pai respeita os meus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Acho que o meu pai é um bom pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Gostava de ter um pai diferente do que tenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. O meu pai aceita-me tal como sou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Gosto sempre de saber a opinião do meu pai sobre as coisas que são importantes para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Acho inútil dar a conhecer os meus sentimentos ao meu pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Mesmo quando estou fora de mim, sou capaz de escutar o que o meu pai me tenha para dizer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas ao meu pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. O meu pai espera demasiado de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Perco a cabeça facilmente com o meu pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Fico fora de mim mais frequentemente do que o meu pai pensa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Quando conversamos sobre qualquer assunto, o meu pai tem em consideração as minhas opiniões.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. O meu pai confia na minha capacidade de ajuizar as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Não aborreço o meu pai com os meus problemas, pois ele já tem os dele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. O meu pai ajuda-me a eu compreender-me melhor a mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Costumo falar ao meu pai dos meus problemas ou complicações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. O meu pai irrita-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. O meu pai não me dá muita atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. O meu pai ajuda-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. O meu pai compreende-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Quando me irrito com qualquer coisa o meu pai procura ser compreensivo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Confio no meu pai.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

23. O meu pai não compreende o que é a minha vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Posso contar com o meu pai quando preciso de me ver livre de algum peso que tenho dentro de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Quando o meu pai percebe que tenho alguma coisa que me aborrece, pergunta-me sempre o que tenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte III

Cada uma das afirmações que se seguem são referentes aos seus sentimentos e relações com os seus **amigos**. Por favor, leia cada afirmação cuidadosamente e marque uma cruz no quadrado referente à alternativa que neste momento considera mais verdadeira.

Use a seguinte chave:

(1) Nunca ou quase nunca; (2) Poucas vezes; (3) Bastantes vezes; (4) Muitas vezes; (5) Sempre ou quase sempre

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
1. Gosto sempre de saber a opinião dos meus amigos sobre os assuntos que me dizem respeito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Mesmo quando estou fora de mim por qualquer motivo, sou capaz de escutar o que os meus amigos me queiram dizer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando falo de qualquer assunto com os meus amigos, eles têm em consideração os meus pontos de vista.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Gostava que os meus amigos fossem diferentes daquilo que são.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus amigos compreendem-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus amigos ajudam-me a eu falar das minhas próprias dificuldades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus amigos aceitam-me como sou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sinto necessidade de estar com os meus amigos, muito frequentemente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Os meus amigos não percebem o que eu ando a fazer na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sinto-me só ou marginalizado quando estou com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Os meus amigos dão atenção ao que eu digo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Acho que os meus amigos são bons amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Tenho bastante facilidade em falar com os meus amigos sobre qualquer assunto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

15.Quando estou irritado com qualquer coisa, os meus amigos procuram compreender-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.Os meus amigos ajudam-me a eu compreender-me melhor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.Os meus amigos têm em consideração a minha maneira de ser.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.Irrito-me com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.Quando tenho algum problema grave posso contar com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.Confio nos meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.Fico fora de mim mais frequentemente do que os meus amigos pensam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.Dá a impressão que os meus amigos estão irritados comigo sem razão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.Posso falar francamente aos meus amigos dos meus problemas e complicações.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.Quando os meus amigos percebem que eu tenho algum problema, procuram sempre saber o que tenho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>